



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Sociologia

Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento
Sustentável

Dissertação

O Btt - valores, práticas e representações

Apresentada por:

Francisco Carlos Machado de Almeida

Orientador:

Prof. Doutor Luís Campos

Évora, Setembro 2012

Mestrado em Sociologia

Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento
Sustentável

Dissertação

O Btt - valores, práticas e representações

Apresentada por:

Francisco Carlos Machado de Almeida

Orientador:

Prof. Doutor Luís Campos

Évora, Setembro 2012

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, esposa, pais e irmão. Ao Professor Doutor Luís Campos, e a todas as pessoas que me ajudaram e acompanharam nesta fase da vida.

Muito obrigado!

O Btt - valores, práticas e representações

RESUMO

Com o presente estudo pretende-se perceber o que leva as pessoas a praticar btt, que valores, práticas e representações sociais estão associados a este desporto e como são apropriadas pelos seus adeptos, concretamente, os praticantes Btt do Alentejo. Envereda-se por uma perspectiva sociológica, menos baseada na sociologia do desporto e mais centrada na teoria das classes sociais de Pierre Bourdieu, ou seja, incide no estudo do Btt enquanto prática social, procurando relações entre essa prática, valores e representações e as diferentes localizações sociais dos seus praticantes. Na ausência de informação acerca dos praticantes de Btt do Alentejo, foi realizado um levantamento de informação, relativa aos praticantes, equipas, eventos, estabelecimentos comerciais e relação com as novas tecnologias de informação e comunicação. Adoptou-se uma estratégia de investigação extensiva, procurando compreender e explicar o objecto de investigação, estabelecendo relações quantificáveis entre variáveis.

Palavras-chave – Btt, classes sociais, valores sociais, práticas sociais, representações sociais e orientações sociais.

The ATB - values, practices and representations

ABSTRACT

The present study is to understand what leads people to practice mountain biking, which values, practices and social representations are associated with this sport and how they are appropriate for your audience, namely practitioners of ATB in the Alentejo region. Is appealing to a sociological perspective, less based on the sociology of sport and more focused on the theory of Pierre Bourdieu's social classes, in other words, focuses on the study of ATB as a social practice, looking for relationships between these practices, values and representations and different social locations of their practitioners. In the absence of information about practicing ATB Alentejo, a survey was conducted of information on practitioners, teams, events, commercial establishments and their relationship to new information and communication technologies. Adopted a strategy of extensive research, seeking to understand and explain the purpose of research, establishing quantifiable relationships between variables.

Keywords - ATB, social values, social practices, social representations, social classes and social guidance.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	6
INDICE DE QUADROS	7
INDICE DE GRÁFICOS	10
INTRODUÇÃO	12
1 CLASSES, VALORES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	15
1.1 Classes sociais	15
1.2 Orientações sociais	22
1.3 Valores sociais e representações sociais	23
2 METODOLOGIA	28
2.1 Levantamento de informação	28
2.2 Construção da amostra	30
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO	32
3.1 Caracterização do universo de estudo	32
3.2 Caracterização do btt	33
3.3 Caracterização dos inquiridos	36
3.4 Valores, práticas e representações sociais	44
3.5 Orientações sociais	74
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	97

INDICE DE QUADROS

2.1 Inquiridos por regiões	31
3.1 Praticantes Btt por mil habitantes residentes	33
3.2 Sexo	37
3.3 Escalão etário	38
3.4 Nível de escolaridade	39
3.5 Condição perante o trabalho	39
3.6 Situação na profissão	41
3.7 Distribuição pelas classes sociais	42
3.8 Distribuição das classes sociais na amostra e na população portuguesa	44
3.9 Tempo de prática de Btt	46
3.10 Incentivo na prática do Btt	48
3.11 Quantidade de bicicletas	50
3.12 Investimento em bicicletas	51
3.13 Investimento em bicicletas nas classes sociais	52
3.14 Investimento em capacete	55
3.15 Acompanhantes na prática do Btt	57
3.16 Regularidade na prática do Btt	59
3.17 Formas de praticar Btt	60
3.18 Formas de praticar Btt nas classes sociais	61
3.19 Modalidades desportivas praticadas	63
3.20 Motivações na prática do Btt	64
3.21 Representação relativa ao prestígio conferido pelo Btt	67
3.22 Representação relativa ao acesso à modalidade	68

3.23 Representação relativa ao custo financeiro do Btt	68
3.24 Valores associados ao Btt	69
3.25 Motivações na escolha da modalidade	71
3.26 Objectivos genéricos relativos à sociedade portuguesa	72
3.27 Objectivos genéricos das classes sociais relativos à sociedade portuguesa	73
3.28 Orientação relativa à desigualdade social	75
3.29 Sexo e orientação relativa à desigualdade social	75
3.30 Idade e orientação relativa à desigualdade social	76
3.31 Nível de escolaridade e orientação relativa à desigualdade	76
3.32 Região de residência e orientação relativa à desigualdade	77
3.33 Classe social e orientação relativa à desigualdade	77
3.34 Orientação da acção	78
3.35 Sexo e orientação da acção	79
3.36 Idade e orientação da acção	79
3.37 Região de residência e orientação da acção	79
3.38 Nível de escolaridade e orientação da acção	80
3.39 Classe social e orientação da acção	81
3.40 Orientação social	81
3.41 Sexo e orientação social	82
3.42 Idade e orientação social	82
3.43 Região de residência e orientação social	83
3.44 Nível de escolaridade e orientação social	83
3.45 Classe social e orientação social	84
3.46 Grau de importância atribuído ao Btt	85
3.47 Grau de importância atribuído ao Btt pelas classes sociais	85
3.48 Resumo caracterização das classes sociais	86
3.49 Resumo práticas Btt nas classes sociais	87

3.50	Resumo meios e investimento das classes sociais	88
3.51	Resumo valores nas classes sociais	89
3.52	Resumo representações nas classes sociais	89

INDICE DE GRÁFICOS

3.1 Número de praticantes Btt	32
3.2 Número de equipas Btt	34
3.3 Número de eventos Btt	35
3.4 Número de estabelecimentos comerciais e empregados	36

LISTA DE SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

BTT – Bicicleta todo o terreno

EDL – Empresários dirigentes e profissionais liberais

PTE – Profissionais técnicos e de enquadramento

TI – Trabalhadores independentes

EE – Empregados executantes

OAA – Operários e assalariados agrícolas

INTRODUÇÃO

O desporto é um fenómeno social onde interagem indivíduos com diferentes origens, posições sociais, valores, interesses e motivações. As diversas práticas desportivas chamam a si diferentes públicos e encerram em si mesmas, diferentes valores, práticas e representações sociais.

O Btt é uma modalidade desportiva, que embora relativamente recente, tem cativado inúmeros praticantes em Portugal.

Sem estar isenta de contradições, a origem do Btt (bicicleta todo-o-terreno) é reclamada por Franceses, Americanos e Ingleses. Os Franceses reclamam a sua origem em 1964, nas terras altas do Alto Sabóia; os Americanos defendem que esta modalidade desportiva apareceu pela primeira vez nos EUA, na Califórnia em 1974, pela mão de alguns entusiastas do ciclismo, que por curiosidade começaram a construir bicicletas para se deslocarem pelos bosques e para fazer algumas descidas radicais; os militares Ingleses também chamam a si a paternidade do Btt, alegando que a primeira notícia da aparição de uma bicicleta todo o terreno foi em 1899 na guerra do Boeres na África do Sul.

Segundo Alpiarça (2002), esta modalidade surgiu em Portugal em 1987, como elemento de preparação dos ciclistas de estrada profissionais. Entre 1988 e 1989 realizaram-se as primeiras provas Btt na zona de Ovar e São João da Madeira, estendendo-se posteriormente à Serra da Arrábida através de entusiastas do motocross, que passaram a utilizar a bicicleta de todo-o-terreno como meio de preparação física e técnica.

Actualmente o Btt prolifera um pouco por todo o país, é praticado por qualquer pessoa com faculdades físicas para o efeito, individualmente ou em grupo, com objectivos de competição ou simplesmente por lazer. Surgiram equipas, na sua maioria associadas a organizações, que promovem diversos eventos relacionados com esta prática desportiva.

É um desporto que não obedece a qualquer local específico para a sua prática, pode ser praticado com recurso a maior ou menor investimento, e têm associados diversos valores, tais como a saúde, divertimento, convívio, lazer, ocupação de tempos livres, contacto com a natureza, competição, entre outros.

Mas o que leva as pessoas a praticar btt? Que valores, práticas e representações estão associados a este desporto e como são apropriadas pelos seus adeptos?

As ciências sociais, nomeadamente a sociologia do desporto, têm desenvolvido diversos estudos nas várias modalidades desportivas, no entanto, nenhum destes estudos compreende o Btt em particular, facto que se pode explicar pela recente entrada da modalidade em Portugal.

Um olhar sociológico mais atento a este fenómeno social justifica-se não apenas pelo número significativo de praticantes, mas também pela interacção que se verifica entre estes, designadamente, através da constituição de equipas, de grupos desportivos e da realização e participação em diversos eventos.

Actualmente no Alentejo, o Btt assume um papel cada vez mais relevante no desenvolvimento sustentável da região. O desenvolvimento do comércio, os empregos criados, a realização de eventos, aliada à crescente utilização e divulgação da bicicleta como meio de transporte respeitador do ambiente, fazem do Btt uma modalidade associada ao desenvolvimento regional e local.

O principal objectivo deste estudo passa por compreender o Btt enquanto fenómeno social em constante evolução, mas sobretudo, focar o centro de análise nos seus praticantes, perceber que valores, práticas e representações sociais encontram estes neste desporto que os diferencia e identifica com a modalidade.

Interessa por isso, caracterizar socialmente estes praticantes Btt, saber como se distribuem em termos de sexo e idade, como se distribuem pelas várias regiões do Alentejo, pelas diferentes classes sociais, conhecer a regularidade, o tempo e o local onde praticam Btt, conhecer os principais valores e representações sociais com que se identificam na modalidade, bem como as suas orientações sociais.

Tratando-se de práticas culturais compreensíveis a partir do estudo das relações entre os indivíduos, a forma escolhida para abordar a situação prende-se com a problemática das classes sociais.

Envereda-se assim por uma perspectiva sociológica, menos baseada na sociologia do desporto e mais centrada na teoria geral das classes sociais desenvolvida por Pierre Bourdieu, um modelo teórico que permite compreender as diversas dimensões das práticas sociais.

A hipótese geral que se levanta é, de que os indivíduos pertencentes às diferentes classes sociais têm formas distintas de praticar Btt. Mais especificamente parece razoável supor, que as distintas classes sociais têm diferente adesão de praticantes ao Btt, identificam-se com diferentes valores, práticas e representações sociais na modalidade.

Presume-se que as diferentes posições sociais aliadas à diferente posse de capitais se reflectem em distintas formas de praticar Btt, associadas a diferentes valores, práticas e representações sociais.

Fundamentalmente, o texto que se segue inicia-se com uma problematização teórica, a que se segue a explicação da metodologia utilizada e análise e discussão dos resultados obtidos.

Num primeiro capítulo dedicado ao problema teórico, é feita uma abordagem à problemática das classes sociais, orientações sociais, valores e representações sociais. Relativamente à problemática das classes sociais recorre-se à teoria geral das classes sociais desenvolvida por Pierre Bourdieu, autor que dedicou vários estudos aos processos de diferenciação social. A abordagem às orientações sociais baseia-se na abordagem às naturezas sociais desenvolvida por José Casanova. Segue-se um pequeno enquadramento teórico relativo a valores sociais e representações sociais, baseado em vários autores. Finalmente são feitas algumas considerações teóricas ancoradas na sociologia do desporto.

No segundo capítulo apresenta-se a estratégia metodológica que foi seguida na abordagem ao objecto de estudo, nomeadamente, a realização de um levantamento de informação referente aos praticantes Btt do Alentejo e outros aspectos pertinentes relacionados com o objecto de estudo, o universo a que se refere o estudo, a construção da amostra, a técnica de recolha de dados e os meios utilizados no tratamento dos mesmos.

No terceiro capítulo inicia-se a análise empírica, restituindo de forma essencialmente descritiva e interpretativa, a informação obtida através de um inquérito por questionário aplicado a trezentos e cinco praticantes de Btt. Neste capítulo é feita a caracterização do universo de estudo, da modalidade desportiva Btt e dos inquiridos, bem como a análise e discussão dos principais valores, práticas, representações e orientações sociais dos inquiridos.

Finalmente, a conclusão deste estudo retracta uma síntese do problema em análise, do percurso seguido e dos principais resultados conseguidos.

1 CLASSES, VALORES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

1.1 CLASSES SOCIAIS

A presente investigação tem como objectivo central perceber o que leva as pessoas a praticar btt, que valores, práticas e representações estão associados a este desporto e como são apropriadas pelos seus praticantes.

Praticar um determinado desporto, gostar de um livro, frequentar certos locais, comprar roupa numa determinada loja, entre outras, são práticas culturais compreensíveis a partir do estudo das relações entre os indivíduos.

Uma forma de abordar a situação em causa prende-se com a problemática das classes sociais.

O modelo teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu permite compreender as diversas dimensões das práticas sociais. Esta teoria é das mais aperfeiçoadas abordagens à problemática das classes sociais, revelando-se um precioso instrumento para qualquer estudo que se prenda com questões de diferenciação social.

O autor dedicou vários estudos aos processos de diferenciação social, os quais se revelaram determinantes para a elaboração de uma teoria geral das classes sociais. Segundo Bourdieu, é a relação social que liga entre si os indivíduos e os grupos que está na base da vida social. A sua obra centra-se na análise da forma como os indivíduos incorporam a estrutura social ao mesmo tempo que a legitimam, produzem e reproduzem.

Para Bourdieu existir num espaço social é ser diferente, é marcar uma distância entre si mesmo e os outros. O autor sustenta esta afirmação com a ideia de que, as posições sociais e as práticas culturais que lhe correspondem não constituem entidades substanciais, independentes umas das outras, pelo contrário, constituem-se e definem-se umas em relação às outras, formando assim uma estrutura de relações.

Um conhecido trabalho empírico de Bourdieu (1979), constatou uma relação muito estreita entre práticas e gostos culturais, e o nível de instrução e a origem social.

Segundo a investigação desenvolvida, tocar piano ou jogar brídege, beber uísque ou champanhe, praticar golfe ou equitação, procurar grandes espaços afastados das multidões agitadas, constituem práticas mais frequentes entre os grupos de pessoas instruídas e de origem social favorecida do que entre os grupos de pessoas menos dotadas em recursos culturais e económicos. Contrariamente, a prática do futebol, pesca,

beber cerveja ou vinho de mesa e procurar o calor dos ajuntamentos populares, constituem práticas mais frequentes entre os grupos de pessoas menos dotadas em recursos culturais e económicos (Bourdieu, 1979).

A investigação concluiu ainda que, para nível de instrução igual, quanto mais alta é a origem social mais se apreciam as formas menos consagradas e menos legítimas da cultura, como a música ou a pintura de vanguarda; e que, quanto mais modesta é a origem social, menos se apreciam essas formas menos consagradas e menos legítimas da cultura.

Bourdieu considera assim que existe uma maior recepção às inovações culturais que põem em causa as formas estéticas sacralizadas pelo sistema escolar, por parte das classes sociais dominantes, enquanto as classes médias e inferiores continuam mais ligadas aos “valores seguros” da cultura reconhecida e mais respeitosas das normas estabelecidas.

Com base em Bourdieu, e apesar da investigação se reportar à sociedade Francesa da década de 70, podendo em Portugal a dinâmica actual ser diferente, é razoável pensar que também a prática do Btt poderá estar relacionada com o nível de instrução, origem social, estrutura de classe actual e trajectória social dos seus praticantes, e desta forma ter diferente aceitação por parte das várias classes sociais.

O autor introduziu a noção de espaço social na sociologia, com o objectivo de romper com a tendência para pensar o mundo social de forma substancialista.

Para Bourdieu existe um espaço social, “...um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, a ponteadado, não como um dado, mas como qualquer coisa que se trata de fazer” (Bourdieu, 1997:13). Neste contexto, o autor entende que as classes sociais se apresentam como classes lógicas, determinadas teoricamente pela delimitação de um conjunto de indivíduos que ocupam idêntica posição no espaço social.

Bourdieu utiliza o conceito de capital para operacionalizar e hierarquizar as classes sociais. Utiliza-o sob a forma de um recurso, uma mais-valia-social que representa uma riqueza e um poder. “Não é verdade dizer-se que tudo o que as pessoas fazem ou dizem tenha como objectivo a maximização do seu lucro social; mas pode dizer-se que o fazem para perpetuar ou aumentar o seu ser social” (Bourdieu citado por Casanova 1995:65).

Na sua teoria, as diferentes classes sociais e fracções de classe, caracterizam-se numa fase inicial por uma estrutura de capitais proporcionada pela origem social e pela instrução. Desta forma, faz a distinção entre quatro tipos de capital: o capital económico,

representado pelo conjunto dos bens e recursos económicos; o capital social, representado pela rede de relações sociais de que um indivíduo dispõe, e que pode mobilizar em caso de necessidade; o capital cultural, representado pelo conjunto de recursos intelectuais adquiridos através da educação familiar e escolar; e o capital simbólico, representado pela imagem social e pelos capitais anteriores.

“O espaço social está construído de tal maneira que os agentes ou os grupos se distribuem nele em função da sua posição nas distribuições estatísticas segundo dois princípios de diferenciação, que, nas sociedades mais avançadas (...) são, sem qualquer dúvida, os mais eficientes, o capital económico e o capital cultural” (Bourdieu 1997:7).

Os indivíduos ou grupos distribuem-se no espaço social, principalmente em função destes dois princípios de diferenciação, logo, quanto mais próximos estão nestas duas dimensões, mais têm em comum e quanto menos próximos nestas dimensões mais afastados, ou seja, a desigual posse de capitais determina as posições dos indivíduos.

Para Bourdieu é a distribuição das diferentes espécies de capital que determina a estrutura do espaço social. Numa primeira dimensão, é o volume global do capital que determina a distribuição dos indivíduos, provocando assim uma oposição entre os mais abonados em capital global e os menos dotados de capital económico e cultural; numa segunda dimensão, a distribuição acontece em função do peso relativo do capital económico e do capital cultural no conjunto dos capitais, criando assim mais uma oposição entre os detentores de cada espécie de capital.

Os capitais reforçam-se mutuamente e transformam-se uns nos outros, uma vez que são investidos constantemente em função de ambições e projectos. “...pais que utilizam uma parte do seu dinheiro (capital económico) a fim de permitir que os seus filhos façam estudos superiores (capital cultural), eventualmente mesmo no estrangeiro. Em retorno, um diploma procurado (capital cultural) abrirá o acesso a um emprego bem remunerado (capital económico)” (Bourdieu citado por Campenhoudt 2003:164).

Os capitais são também relações, na medida em que o valor dos capitais de um indivíduo é relativo ao valor dos capitais dos outros indivíduos. Por outro lado, os diferentes tipos de capital atribuem aos indivíduos diferentes oportunidades, diferente poder ou diferente prestígio. Actualmente, o capital económico está investido de um elevado valor simbólico, o que faz atrair com mais facilidade os restantes tipos de capital. Existe assim uma luta objectiva e simbólica entre os detentores dos vários tipos de capital, com o intuito de fazer valer o capital de que estão mais fornecidos.

“...muitos intelectuais relativamente pouco dotados de capital económico deixarão entender que desdenham a riqueza, enquanto as classes económicas dirigentes terão tendência a olhar por cima estes intelectuais invejosos e moralizadores que desacreditam a ditadura do dinheiro” (Campenhoudt 2003:164).

Bourdieu distingue as classes sociais em função da sua estrutura de capitais e mostra como as práticas e os gostos lhe estão estreitamente ligados. Demonstra como as classes e fracções de classe procuram actividades que marcam uma distância simbólica e/ou física com o objectivo de obter a distinção em relação às outras classes.

Através das classes dominantes, comprova que as práticas das diferentes fracções de classe tendem a distribuir-se desde as fracções dominantes às fracções dominadas, segundo uma série de oposições: entre os desportos mais caros e mais chiques, ou as maneiras mais caras e mais chiques de praticar esses desportos, e os desportos menos caros ou as maneiras menos caras de praticar os desportos chiques; oposição entre os desportos “viris” que podem exigir um forte investimento energético e os desportos “introvertidos”, virados para a exploração e expressão do próprio ou “cibernéticos” exigindo um forte investimento cultural, para um investimento energético relativamente reduzido.

Bourdieu não só encontra diferenças entre as classes sociais (dominantes/pequena burguesia/populares) e fracções de classe, como também no interior das próprias fracções de classe. Ilustra-o através da velha burguesia de negócios e da nova burguesia, “é por oposição à velha burguesia de negócios que se caracteriza principalmente a nova burguesia. Chegados mais cedo a posições de poder, muito frequentemente munidos de títulos universitários, (...) os quadros do sector privado distinguem-se muitas vezes dos patrões da indústria e do comércio, burguesia tradicional, com as suas férias na cidade à beira-mar, as suas recepções e as suas obrigações mundanas, por um estilo de vida mais moderno e mais jovem, mais conforme, em todo o caso, à nova definição dominante do dirigente, (...) parecem menos inclinados a investir o seu capital em bens imobiliários; entregam-se mais vezes aos desportos simultaneamente chiques, activos e frequentemente cibernéticos, como a vela, o esqui, o esqui aquático, o ténis, secundariamente, a equitação e o golfe, e à prática de jogos de sociedade simultaneamente intelectuais e chiques: brídege e, principalmente xadrez” (Bourdieu citado por Campenhoudt, 2003:166-167).

A flexibilidade das posições que os indivíduos ocupam na estrutura social, leva a que estes se possam encontrar numa trajectória de mobilidade ascendente ou descendente em relação à sua própria posição anterior. Como tal, o facto de duas pessoas num

determinado momento beneficiarem de semelhantes recursos, por si só não significa que sigam a mesma trajectória social. É todo um conjunto de disposições mentais associadas às trajectórias sociais, como a ambição ou resignação, que justificam a ligação entre estas e as práticas e preferências culturais.

Significa assim, que os indivíduos adoptam sempre diferentes práticas em busca da sua diferenciação, quer esta seja a nível de classes, de fracções de classes, bem como, motivados pela sua trajectória social.

Cada classe desempenha a sua própria função no sistema de distâncias. As classes dominantes desempenham um papel decisivo no êxito das novas criações estéticas e das novas normas culturais. Por seu turno, as classes populares “não têm sem dúvida outra função no sistema das tomadas de posição estéticas senão a de rejeição, do ponto de referência negativo relativamente ao qual se definem, de negação em negação, todas as estéticas”. (Bourdieu citado por Campenhoudt 2003:172). Entre estas duas extremidades, surge a pequena burguesia que, segundo Bourdieu, se traduz em lugares de passagem em movimento, numa região relativamente indeterminada de um espaço-tempo social.

Bourdieu encontra resposta ao princípio unificador e gerador das classes sociais, no processo de afirmação e de manutenção de uma distância relativamente às classes directamente inferiores. É a constante mudança das práticas culturais que procura manter intactas as distâncias entre as classes sociais. Por exemplo, sempre que uma determinada modalidade desportiva praticada pelas classes dominantes ficar ao alcance de ser praticada pelas outras classes sociais, rapidamente as primeiras buscarão uma nova modalidade inacessível às segundas, com o objectivo de salvaguardar e manter intactas as distâncias. Também na prática do btt se a utilização de uma determinada marca de bicicletas se banalizar e ficar ao alcance da maioria dos praticantes, poderão surgir novas marcas mais caras, logo menos acessíveis a todos, podendo desta forma contribuir para a distinção entre os praticantes.

Bourdieu encontra uma capacidade distintiva nas práticas desportivas, na medida em que as classes sociais com níveis mais elevados de capital económico, cultural e social, encontram maior distinção social nas modalidades de acesso difícil, enquanto que as classes menos fornecidas de capital económico, cultural e social encontram nas práticas desportivas um meio de compensação deste défice de capital.

“O desporto apresenta-se como um produto cultural, social e económico, inserido num mercado de oferta e procura, socialmente produzidos” (Bourdieu, 1997).

Este mercado funciona, na medida em que uma oferta menos elitista tende para a generalização das modalidades, provocando assim, uma procura de novos desportos por parte das classes sociais mais fornecidas de capital, na procura da distinção.

Bourdieu recuperou o conceito de *habitus*, que enfatiza a ideia de uma aprendizagem passada. Desenvolveu-o para explicar o conjunto de disposições associadas à cultura e aplica-o às diferentes classes sociais, de acordo com o princípio de que idênticas condições objectivas de vida (classe) geram *habitus* semelhantes. O *habitus* de Bourdieu define-se como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e acções, e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas que permitem resolver os problemas de modo semelhante e graças às correcções incessantes dos resultados obtidos, dialecticamente por estes resultados” (Bourdieu,1972).

Por um lado, o *habitus* é orientador da acção dos indivíduos e simultaneamente, como é produto das relações sociais, tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objectivas que o fabricam.

“Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objectivo porque as suas acções e as suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as acções encerram, pois, uma ‘intenção objectiva’, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes.” (Bourdieu citado por Ortiz, 1983:15).

Segundo Bourdieu a maior parte das disposições que constituem o *habitus* são incorporadas quase exclusivamente nas primeiras fases da infância, ou seja, durante o processo de socialização primária, não sendo acessíveis à consciência. Desta forma, a acção humana desenvolve-se essencialmente de forma automática, ou seja, não resulta de uma decisão voluntária consciente.

Bourdieu defende assim, que existe uma relação entre as condições de existência e as formas de pensar e de agir, significando que cada indivíduo age em função da sua experiência passada, que o *habitus* é um produto de processos de socialização, sobretudo da socialização primária, logo, indivíduos que são socializados no mesmo contexto, tendem a ter semelhantes formas de agir e de pensar, na medida em que iguais condições objectivas produzem *habitus* idênticos.

É a interiorização pelos indivíduos de valores, normas e princípios sociais, que está na base da relação entre as acções dos sujeitos e a realidade objectiva da sociedade como um todo.

O conceito de *habitus*, para além da interiorização das normas e valores, revela também os sistemas de classificações que preexistem às representações sociais. Qualquer escolha é precedida por um conjunto de “esquemas generativos” que o *habitus* pressupõe e que funciona como sistema de classificação anterior à acção.

Bourdieu aplica o conceito de *habitus* às classes sociais, na medida em que o entende como uma forma incorporada da condição de classe nas disposições culturais. Estando estas disposições consolidadas duradouramente em cada pessoa e actuando de uma forma sistemática em todas as práticas, a forma de comunicar com os outros, de se comportar, de se vestir, de comer, de se preocupar com a forma, revelam-se facetas visíveis do *habitus* que definem um estilo de vida e organizam as relações do quotidiano daqueles que ocupam uma posição social semelhante.

Os fenómenos sociais acontecem num espaço social estruturado em relações de poder, aquilo a que Bourdieu chama de *campo*. É neste espaço que se desenrolam todas as práticas sociais, que são assim um produto de uma relação dialéctica entre um *habitus* e um *campo*.

O *campo* representa um espaço social de dominação e de conflitos, cada *campo* tem uma certa autonomia, tem as suas próprias regras de organização e de hierarquia social. “O campo pode ser considerado tanto um ‘campo de forças’, pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um ‘campo de lutas’, no qual os agentes actuam conforme as suas posições, mantendo ou modificando a sua estrutura” (Bourdieu, 1996).

Para Bourdieu a sociedade encontra-se espartilhada em diversos campos de força simbólica, cada um com a sua própria coerência, racionalidade e formas de rentabilização das suas acções, agindo todos no seio de um grande espaço social, numa luta constante pelo alargamento e valorização dos seus espaços e domínios específicos.

“Estes campos são, afinal, áreas de actividade social, entendidas enquanto espaços de luta nos quais os agentes procuram melhorar a sua posição através da apropriação e acumulação de determinados tipos de capital e da própria definição das regras e da lógica de acção em cada campo” (Casanova 1995:66).

A maior parte das acções dos agentes sociais são produto de um encontro entre um *habitus* e um *campo*, isto é, as práticas resultam das disposições reunidas no *habitus* em cada *campo*, tal como Bourdieu representa através da fórmula $\text{habitus} \times \text{campo} = \text{prática}$.

1.2 ORIENTAÇÕES SOCIAIS

Casanova considera o conceito de *habitus* desenvolvido por Pierre Bourdieu, como uma das propostas sociológicas mais próximas e mais pertinentes à noção de naturezas sociais, na medida em que, “o *habitus* representa um princípio explicativo dos comportamentos centrado nos agentes, definido como matriz de disposições, socialmente estruturado, e estruturante de práticas e representações sociais muito diversas, correspondendo genericamente aos requisitos formulados” (Casanova, 2004:3).

Na abordagem que faz às naturezas sociais, o autor defende que as orientações sociais se definem na esfera sociocultural enquanto crenças sobre as condições sociais de vida, socialmente estruturadas e estruturantes de valores, representações e práticas sociais.

Sendo as condições sociais de vida decisivas na formação de traços culturais individuais e colectivos, justifica-se avaliar até que ponto as orientações culturais mais estruturais não serão as mesmas orientações dos indivíduos em relação a essas condições sociais de vida.

Segundo Casanova, presume-se que as orientações relativas às condições sociais de vida sejam interiorizadas nas diferentes condições sociais e exteriorizadas num conjunto relevante de práticas, valores e representações sociais. Para o autor, as orientações sociais não são, nem representações sociais, nem regras, nem valores, nem normas, representam relações particulares decisivas dos agentes com a expressão cognitiva, valorativa e normativa, relações que têm a particularidade de terem sido naturalizadas. Sob esta definição, as orientações sociais podem integrar-se mais correctamente naquilo que os autores clássicos chamavam de “costumes” quando procuravam distinguir entre aspectos culturais naturalizados, por um lado, e normas ou valores por outro (Casanova, 2004:19).

Pode-se assim esperar que através da noção de orientações sociais, seja possível analisar até que ponto os valores da igualdade e da liberdade estão naturalizados nos indivíduos, e em que medida a modernidade foi incorporada duravelmente na vida desses mesmos indivíduos.

1.3 VALORES SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os valores sociais têm sido utilizados para explicar as mudanças da sociedade, os comportamentos dos indivíduos, bem como a distinção entre as classes sociais.

Segundo Silva (1983), a sociologia reconhece no seu campo de observação, os valores como factos sociais, na medida em que existem “coisas” que são apreciadas enquanto outras são rejeitadas no interior de um grupo. Segundo o autor, concretamente se pode definir valor social como a capacidade dos objectos para procurarem o bem da sociedade ou do grupo.

Rezsohazy citado por Silva (1983), define valor como “tudo o que os actores sociais desejam ou rejeitam, aprovam ou desaprovam, recomendam ou desaconselham, propõem como ideal ou interditam”. Segundo o autor, todos os factos sociais se podem tornar em valores, desde que os actores sociais elaborem a seu respeito opiniões e crenças que exprimam a sua adesão ou a sua repulsa, a sua apreciação ou depreciação.

Os valores sociais surgem assim numa relação entre os sujeitos e os objectos, na qual se verifica uma necessidade da parte dos sujeitos e uma aptidão ou capacidade da parte dos objectos para satisfazer essa necessidade. Os valores estão estreitamente relacionados com a organização e estrutura da sociedade, na medida em que determinam a formação de grupos e conferem no seio destes, as diversas posições dos seus membros. Desta forma, os valores de uma classe social não se apresentam isolados, desordenados ou justapostos, mas antes interligados e na dependência uns dos outros.

A par dos valores, também as representações sociais são um indicador de extrema importância na análise dos comportamentos dos indivíduos.

Segundo Jodelet (2002:22), “as representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

“Os valores são expressão de sistemas organizados e duradouros de preferências, enquanto as representações, por seu turno, constituem avaliações cognitivas, igualmente estruturadas, de realidades, processos, situações” (Almeida, 1990:1).

No plano social, os valores e as representações estão associados às dimensões culturais da sociedade, no plano individual, os valores e as representações estão associados a

disposições e orientações interiorizadas pelos indivíduos, que conduzem os seus comportamentos.

“De uma forma geral é lícito afirmar que os sistemas de disposições, integrando representações e valores, sem deixarem de ser tributários de condições específicas de surgimento e reprodução, funcionam igualmente de modo activo, isto é, interferem nas dinâmicas sociais, nomeadamente através das modulações de estratégias e comportamentos dos actores” (Almeida, 1990:1).

Podemos assim afirmar também, que a prática do Btt remete para um conjunto de representações sobre a importância deste desporto para a vida das pessoas, e que existe um conjunto de valores globalmente partilhados, que poderão não ter a mesma capacidade de gerar apetências idênticas para todos os praticantes.

“O desporto apresenta-se como uma configuração social que assume a forma de sistema, onde interagem indivíduos com diferentes níveis de participação e poder, diferentes práticas desportivas, diferentes valores, e diferentes níveis de organização. O sistema desportivo constitui um espaço social onde se afirmam interesses específicos, hegemonias, e que comporta eixos de conflitualidade interna” (Marivoet, 2002:15).

O movimento “Desporto para todos” constituiu uma ruptura com o modelo desportivo de competição, abrindo portas a novas formas de desporto, assentes em valores que promovem a diferença e a aventura.

“A individualização, o culto pela diferença, a ruptura com a uniformidade e a rotina, a normalização niveladora, expressam-se aos diferentes níveis da sociedade, incluindo o espaço desportivo. O culto do corpo, a procura de lazeres activos, a informalização dos espaços de prática, dos tempos a esta dedicados, tomam forma nesta segunda metade do século” (Marivoet, 2002:28).

Desta forma, o conceito de desporto acompanhou as alterações sociais, económicas, ambientais e tecnológicas. Surge assim em 1992 a “Carta Europeia do Desporto”, a qual, define o desporto como “todas as formas de actividades físicas que através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

A significativa melhoria na qualidade de vida das populações a partir da segunda metade do século XX trouxe uma nova forma de encarar a prática desportiva. Se durante a primeira metade do século as práticas desportivas pressupunham organização, normas e aparelhos fiscalizadores, na segunda metade surgiram diversas transformações nas

sociedades ocidentais, fazendo emergir a partir de novos valores de cultura física, novas práticas desportivas de lazer.

A crescente procura de actividades de ocupação de tempos livres, veio encontrar nas práticas desportivas de lazer, entre outras, uma forma de ruptura com a rotina quotidiana, uma forma de combate ao sedentarismo e às doenças, um motor de bem-estar físico e psíquico, uma actividade de manutenção, melhoria e tratamento do corpo, e sobretudo uma forma de excitação e de exteriorização dos estados emocionais.

“O desporto moderno tem-se constituído na sociedade ocidental, como um espaço que permite o afrouxamento dos estados emocionais, na busca de excitação e prazer, ganhando uma ampla importância social, dadas as características do actual estado civilizacional, caracterizado por sociedades fortemente normalizadas e marcadas pela necessidade imposta aos indivíduos de não exteriorizarem os seus estados emocionais” (Marivoet, 2002:28).

Numa sociedade cada vez mais globalizante, o desporto apresenta-se não só como um espaço de sociabilidade, mas também como um símbolo de distinção social e marca de um estilo de vida. “Ser director, presidente, perito ou técnico com aptidões extraordinárias, não satisfaz completamente o desejo de distinção e de individualização que de uma forma geral todos procuram, sendo então atraídos para estilos de vida que lhe forneçam qualidades e especificidades, capazes de concederem um grau de distinção e de individualismo mais satisfatório” (Marivoet, 2002:39).

O desporto em geral e o btt em particular, são fenómenos sociais estreitamente ligados ao lazer e ao tempo livre, duas realidades indissociáveis.

Dumazedier (1980) define o lazer como um conjunto de ocupações a que um indivíduo se entrega de boa mente para descansar, para se divertir e para desenvolver a sua participação social voluntária, após haver-se libertado de todas as obrigações profissionais, familiares ou outras.

“O tempo livre nas sociedades modernas é sobretudo um tempo social... fazendo emergir uma nova cultura, a dos tempos livres que acarreta novas necessidades, novos valores sociais e novas aspirações” (Lança, 2007:34).

Por exemplo, Inglehart construiu uma teoria da mudança dos valores sociais, partindo dos pressupostos teóricos que os indivíduos tendem a valorizar o que é escasso quando as necessidades iniciais são satisfeitas e novas necessidades se formam, e que os valores básicos dos indivíduos reflectem as condições prevaletentes na idade pré-adulta. O autor constatou que as sociedades ocidentais do pós-guerra atravessaram um

processo de transformação dos valores sociais. Os indivíduos socializados no período de guerra, em ambientes de escassez de bens materiais e de insegurança privilegiavam mais valores sociais associados à segurança ou ao rendimento, valores que designou de materialistas. Contrariamente, no período pós-guerra, os indivíduos socializados em ambiente de paz, segurança e relativa abundância de bens materiais, passaram a privilegiar mais valores sociais relacionados com a qualidade de vida, a protecção do ambiente ou a cultura, a que Inglehart chamou de valores pós-materialistas.

Para Inglehart esta alteração de valores resulta da substituição de gerações, associadas a diferentes dinâmicas de socialização assentes em ambientes de paz e crescimento económico.

A capacidade distintiva de cada modalidade desportiva leva a que a escolha destas não seja indiferente aos indivíduos. As modalidades desportivas de lazer, que privilegiam a aventura e o contacto com a natureza, revelam-se cada vez mais como ideais para satisfazer um conjunto de necessidades sociais.

Será que o Btt surge como uma dessas modalidades desportivas de lazer, capaz de satisfazer essas necessidades sociais? Desenvolve-se num espaço natural, onde o contacto com a natureza, o risco e a aventura são uma constante, pode ser praticado em grupo ou individualmente, constitui-se como um espaço de sociabilidade e de partilha de interesses comuns, e pode ainda assumir-se como um símbolo de distinção social e marca de um estilo de vida.

A procura do bem-estar e divertimento assumem-se como factores determinantes na procura da actividade física ou desportiva.

“Em geral, os estudos têm apresentado resultados claros de que é o bem-estar e o divertimento, mais do que a procura de uma forte melhoria da aptidão física ou, mesmo, os factores estéticos, que condicionam a prática e as escolhas de participação nas actividades físicas e desportivas...” (Mota et Sallis, 2002:38).

Para além da procura do bem-estar e divertimento, também as questões de saúde se assumem como valores importantes associados ao desporto, na medida em que a prática desportiva desempenha um papel fundamental no conjunto dos comportamentos ideais para um estilo de vida saudável. Estudos relacionados com a saúde, comprovam que uma actividade física regular pode reduzir factores de risco associados a determinadas doenças.

“Embora a questão da causalidade não se encontre totalmente resolvida, parece que a actividade física pode influenciar a saúde (comportamentos saudáveis), pela

possibilidade que lhe está associada de encorajar a adopção de outros comportamentos tidos como positivos” (Mota et Sallis, 2002:48).

Tomando o Btt enquanto prática social e procurando relações entre essa prática, valores e representações e as diferentes localizações sociais dos indivíduos, com base na teoria desenvolvida por Bourdieu, onde a identidade social se afirma pela diferença, e tanto as práticas culturais como a utilização de bens simbólicos se revelam como principais marcadores das estratégias de diferenciação, faz sentido colocar algumas questões.

Será que os praticantes de btt pertencentes às diferentes classes sociais e fracções de classe procuraram a sua distinção através da prática deste desporto?

Será que a utilização de bicicletas, equipamento e vestuário de marcas mais conceituadas e mais caras, por parte de alguns praticantes de btt, não será também uma forma de afirmação do seu capital económico e conseqüentemente da sua identidade social?

Será que valores sociais como a saúde, o bem-estar, o divertimento, a estética, a aptidão física, o contacto com a natureza, entre outros, assumem igual nível de importância para todos os praticantes de btt? Ou contrariamente, a estes valores sociais associados à prática do btt, é-lhes atribuído diferente nível de importância consoante as diferentes localizações sociais dos vários praticantes?

2 METODOLOGIA

Podemos sintetizar o questionamento anterior da seguinte forma: o que leva as pessoas a praticar Btt? Que valores, práticas e representações sociais estão associados a este desporto, e como é que o Btt é apropriado pelos seus adeptos?

A ideia de que os praticantes de Btt têm diferentes formas de praticar este desporto, e de que os diversos valores, práticas e representações sociais são apropriados de forma diferente está na base da realização deste trabalho.

Para efeitos do presente estudo, são entendidos como praticantes Btt os indivíduos que praticam este desporto com relativa regularidade, que utilizam para tal, bicicletas minimamente adequadas ao efeito, quer sejam indivíduos que participam em competições oficiais ou simplesmente praticantes por lazer. Excluem-se desta definição, os indivíduos que esporadicamente utilizam a bicicleta para passeios com objectivos exclusivos de lazer, ou indivíduos que utilizam a bicicleta exclusivamente como meio de deslocação, sem qualquer fim desportivo.

A prática do Btt acontece um pouco por todo o país, tornando-se por isso num universo de análise muito extenso. Tal situação obrigou a restringir o universo do estudo aos praticantes de Btt residentes no Alentejo. Esta opção justifica-se por limitações em termos de recursos financeiros, em termos de tempo disponível para a realização do estudo, e ainda, pela ausência de informação relativa a todos os praticantes de Btt, o que implicaria a realização de um levantamento de informação a nível nacional, sendo para tal necessários diversos recursos difíceis de obter nas condições em que este estudo se realizou.

2.1 LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO

Na ausência de informação detalhada e necessária acerca dos praticantes de Btt do Alentejo, foi realizado um levantamento de informação relativa aos praticantes, equipas, eventos, estabelecimentos comerciais relacionados exclusivamente com este desporto e relação das equipas com as novas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente a internet.

Este levantamento de informação, que consubstanciou uma parte significativa do investimento neste estudo, realizou-se no último trimestre de 2010, a partir do contacto

presencial, telefónico e via correio electrónico com equipas de Btt, departamentos de desporto das câmaras municipais, juntas de freguesia, associações culturais e desportivas, estabelecimentos comerciais de venda de bicicletas e praticantes de btt mais conhecedores da realidade empírica deste desporto.

O levantamento abrange o universo de estudo, nomeadamente, as regiões do Alentejo, respeitando a delimitação da Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS II) válida aquando da realização dos Censos, detalhadamente, treze concelhos do Baixo Alentejo, catorze do Alentejo central, quinze do Alto Alentejo e cinco do Alentejo litoral, o que perfaz um total de quarenta e sete concelhos.

Os principais objectivos deste levantamento de informação passaram por quantificar os praticantes e equipas de Btt do Alentejo, saber como se distribuem pelas várias regiões e concelhos, conhecer o ano de fundação destas equipas, quantificar os estabelecimentos comerciais de venda de bicicletas e empregos gerados, e ainda, perceber a relação das equipas Btt com as novas tecnologias de informação e comunicação, particularmente a internet, quantificando as equipas detentoras de *sites*, blogs ou páginas nas redes sociais.

Relativamente à pesquisa sociológica adoptou-se uma estratégia de investigação extensiva-quantitativa, na medida em que se pretende estudar, compreender e explicar o objecto de investigação, procurando estabelecer relações quantificáveis entre variáveis. Dado tratar-se de um estudo de natureza extensiva, a técnica de recolha de dados escolhida foi o inquérito por questionário, por ser aquela que melhor se adapta ao tipo de objecto em causa e que permite uma fiável possibilidade de generalizar os resultados obtidos sobre uma amostra ao universo que esta representa.

Teoricamente, e segundo Foddy (1996) o inquérito por questionário trata de procedimentos orientados por uma postura positivista que visa descobrir ou descrever um mundo “objectivo”, “tal como ele é” através de medidas “verdadeiras”. Para tal, normalmente é utilizado um modelo estímulo-resposta, partindo do princípio que toda a população inquirida entende cada pergunta da mesma forma, pois este modelo pressupõe uma padronização de cada estímulo e simultaneamente que cada inquirido forneça apenas uma resposta. Desta forma, o facto de existirem diferentes respostas á mesma pergunta, permite comparações pertinentes.

Segundo Ghiglione e Matalon, (1992), o principal objectivo da aplicação de um questionário é verificar hipóteses sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis. Por exemplo, verificar se a natureza ou a frequência de um comportamento varia com a

idade, e se as opiniões e os comportamentos relativos a um determinado objecto são coerentes.

Neste sentido, o questionário que foi construído orienta-se essencialmente para a recolha de informação pertinente relativa às hipóteses em estudo, retractando o objecto e a problemática teórica. Numa primeira fase, as questões incidem sobre a caracterização social dos indivíduos, a que se seguem questões que visam recolher informação acerca de valores, práticas e representações sociais dos indivíduos relativamente ao Btt. Finalmente procura-se ainda recolher informação relativa às orientações sociais dos inquiridos.

2.2 CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

De acordo com a teoria relativa à construção de amostras, a opção escolhida pode considerar-se mais próxima da chamada amostragem por quotas, na medida em que os inquiridos foram seleccionados de forma a preencher quotas estabelecidas com base no levantamento de informação¹.

A amostra apesar de previamente desenhada foi sendo construída e ganhando forma à medida que se foi aplicando o questionário. Consoante a proveniência das respostas obtidas, foi-se direccionando o envio de questionários de forma a aproximar o máximo possível, a amostra às quotas de praticantes conseguidas no levantamento de informação.

Com o objectivo de verificar a primeira versão do questionário, nomeadamente a formulação de todas as questões, a sua ordem e entendimento por parte dos inquiridos, de forma a garantir a sua aplicabilidade e atestar se respondia ou não aos problemas da investigação, foi aplicado um pré-teste a quinze indivíduos praticantes de Btt.

Reunidas as condições para a aplicação do questionário, este foi aplicado a 305 indivíduos praticantes de Btt residentes no Alentejo. Os questionários foram aplicados na sua maioria de forma indirecta, através do envio por correio electrónico, e uma minoria aplicada de forma directa, pessoalmente com os inquiridos.

¹Sobre a teoria de construção de amostras pode consultar-se, por exemplo, Ghiglione e Matalon (1992).

Desta forma, conforme se pode ver no quadro 2.1, 29% dos inquiridos são residentes no Baixo Alentejo, 30% no Alentejo Central, 26% no Alto Alentejo e os restantes 15% residentes no Alentejo Litoral.

Quadro 2.1 Inquiridos por regiões

Regiões	Amostra %	Levantamento %
Baixo Alentejo	29	25
Alentejo Central	30	35
Alto Alentejo	26	23
Alentejo Litoral	15	17

N-305

Fonte: Própria

O tratamento dos dados recolhidos foi efectuado através do *software* informático SPSS, o qual permite um tratamento mais rápido e sem risco de erro, para inquéritos mais complexos em que é interrogado um grande número de indivíduos.

Finalmente foi efectuada a análise e interpretação dos resultados obtidos, atendendo às hipóteses inicialmente levantadas.

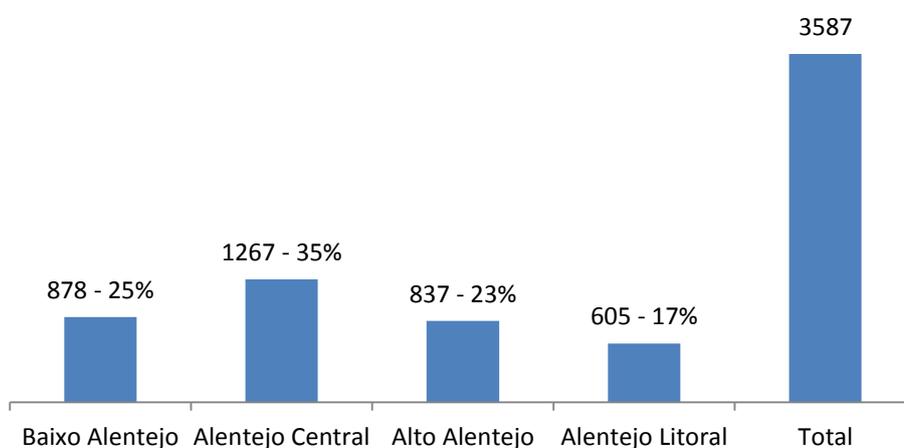
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO

O levantamento de informação realizado no âmbito do presente estudo, permitiu contabilizar 3587 praticantes Btt, 25% no Baixo Alentejo, 35% no Alentejo Central, 23% no Alto Alentejo e 17% no Alentejo Litoral. Do total de praticantes 2432 (68%) estão inseridos em equipas, os restantes 1155 (32%) praticam Btt individualmente. Dada a impossibilidade de se obter um número exacto relativo aos praticantes individuais, este foi obtido com base numa estimativa por concelho, através de uma consulta estrategicamente direccionada a praticantes Btt mais conhecedores da realidade empírica deste desporto em cada concelho. Dos praticantes inseridos em equipas apurou-se ainda que 93% são homens e os restantes 7% são mulheres.

Conforme se pode ver no gráfico 3.1, no Baixo Alentejo foram contabilizados 878 praticantes, 66% destes inseridos em equipas e 34% praticantes individuais; no Alentejo Central 1267 praticantes, dos quais 74% inseridos em equipas e 26% praticantes individuais; no Alto Alentejo 837 praticantes, 53% destes inseridos em equipas e 47% são praticantes individuais; por fim, no Alentejo Litoral foram contabilizados 605 praticantes, dos quais 77% estão inseridos em equipas e os restantes 23% são praticantes individuais.

Gráfico 3.1 Número de praticantes Btt



Fonte: Própria

Estabelecendo uma relação com a população residente, verifica-se que em cada mil habitantes residentes no Alentejo, sete praticam Btt. Esta relação acontece também no Alentejo Central e Alto Alentejo, enquanto que no Baixo Alentejo e Alentejo Litoral o número de praticantes por cada mil habitantes residentes diminui para seis, o que permite constatar uma maior afluência de praticantes nas regiões localizadas geograficamente mais a norte, conforme se pode ver no quadro 3.1.

Numa análise mais particularizada, os concelhos de Arraiolos (20/1000), Viana do Alentejo (15/1000), Alter do Chão (15/1000) e Marvão (15/1000) são aqueles em que existem mais praticantes por cada mil residentes. Contrariamente, os concelhos de Aljustrel, Almodôvar, Mértola e Odemira, com dois praticantes por cada mil habitantes residentes, são os que registam menor aderência à prática deste desporto. Também através da análise por concelho se confirma uma maior afluência de praticantes em concelhos do Alentejo Central e Alto Alentejo, e em contrapartida, menor afluência de praticantes em concelhos do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

Quadro 3.1 Praticantes Btt por mil habitantes residentes

Regiões	Nº habitantes	Praticantes ‰
Alentejo	535753	7
Baixo Alentejo	135105	6
Alentejo Central	173646	7
Alto Alentejo	127026	7
Alentejo Litoral	99976	6

Fonte: INE e Levantamento de Informação

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO BTT

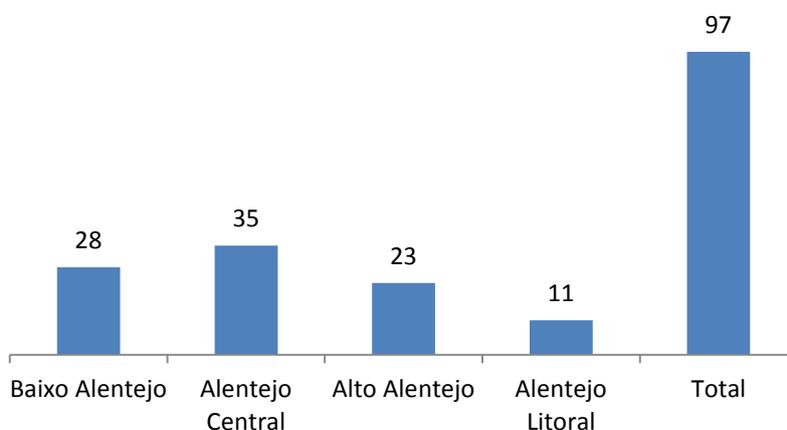
Embora o Btt possa ser praticado individualmente, a larga maioria dos inquiridos está inserida em equipas. Estas equipas formam-se a partir de grupos de amigos, de colegas de profissão, de organizações culturais e desportivas ou de empresas, que apoiam com recursos financeiros e materiais, obtendo como retorno publicidade através de equipamentos, eventos ou *sites* na internet. Este fenómeno vai ao encontro da teoria de Pierre Bourdieu, quando diz que é a relação que liga entre si os indivíduos e os grupos que está na base da vida social.

As primeiras equipas de Btt surgiram na primeira metade da década de noventa, mas a grande maioria (73,7%) surgiu a partir de 2005, coincidindo com os anos em que mais praticantes aderiram à modalidade e com a adesão em número significativo das mulheres a este desporto.

Assim, conforme consta no gráfico 3.2, foram contabilizadas 97 equipas, 28 no Baixo Alentejo, 35 no Alentejo Central, 23 no Alto Alentejo e 11 no Alentejo Litoral. A quantidade de equipas poderá de alguma forma estar relacionada com a população residente, na medida em que as regiões com mais população são aquelas em que existe maior número de equipas, e as regiões com menos população residente as que têm menos equipas.

Verifica-se que, dos 47 concelhos apenas 9 não têm equipas, nos restantes, os concelhos com mais população absorvem o maior número de equipas, nomeadamente, os concelhos sede de distrito (Évora, Beja e Portalegre) com mais de sete equipas cada. Destacam-se ainda outros concelhos como Estremoz, Ferreira do Alentejo, Moura e Reguengos de Monsaraz, todos com um número de equipas entre 4 e 6.

Gráfico 3.2 Número de equipas Btt



Fonte: Própria

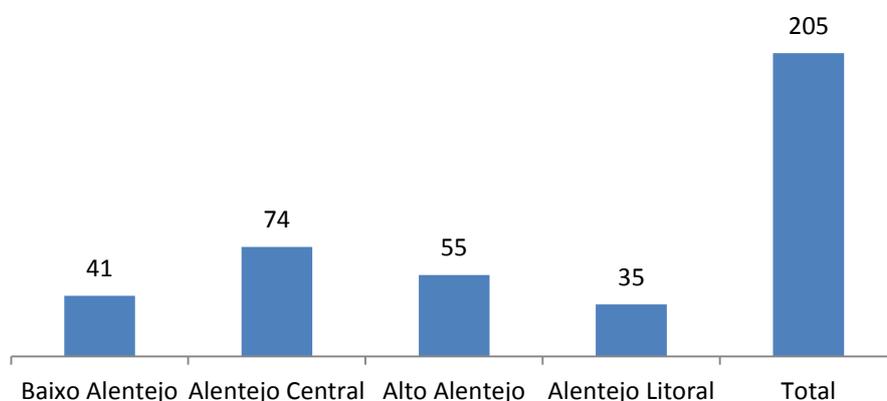
Existem várias formas de praticar Btt, que podem ir desde passeios de bicicleta e treinos, até à participação em eventos organizados. Este tipo de eventos organizados, por norma pagos, comporta normalmente: maratonas com competição, nas quais existe um percurso previamente definido e devidamente marcado, onde é feita cronometragem de tempos que permite a atribuição de classificações e respectivos prémios aos vencedores (caso existam prémios); os passeios com andamento livre, que acontecem também em percursos previamente definidos e marcados, sem qualquer limitação ao andamento de

cada participante e sem contagem de tempos; e os passeios guiados, em que não existe marcação de percurso, mas sim indivíduos devidamente identificados (guias de percurso), que tomam a dianteira do grupo e guiam o passeio, controlando e limitando o andamento de forma a manter agrupados todos os participantes.

A realização de vários eventos relacionados com esta modalidade desportiva, principalmente maratonas e passeios Btt, demonstram que para além da prática desportiva, o Btt também se enquadra no âmbito da promoção turística e do desenvolvimento local e regional.

Conforme se pode ver no gráfico 3.3, foram contabilizados um total de 205 eventos durante o ano de 2010, 20% destes no Baixo Alentejo, 36% no Alentejo Central, 27% no Alto Alentejo e 17% no Alentejo Litoral. Parece existir uma relação entre o número de eventos organizados e o número de equipas em cada região. Esta relação pode explicar-se em grande parte, pelo facto da organização da generalidade dos eventos estar a cargo de clubes, associações ou núcleos Btt.

Gráfico 3.3 Número de eventos Btt

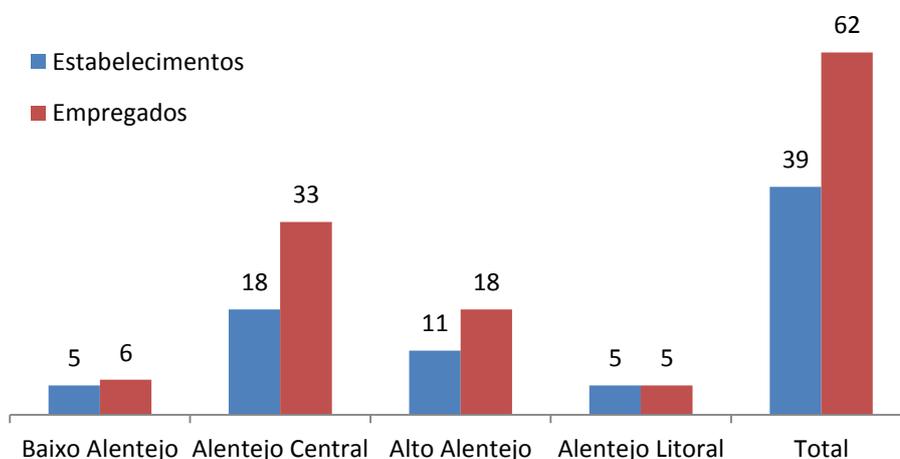


Fonte: Própria

À semelhança da maioria das modalidades desportivas, também o Btt tem associada uma vertente económica, na medida em que, existem estabelecimentos comerciais que se dedicam exclusivamente à venda de bicicletas, equipamento e acessórios relacionados com esta modalidade desportiva. Desta forma, foi pertinente fazer um levantamento de informação relativo a esses estabelecimentos comerciais, bem como ao número de indivíduos que empregam, conforme consta no gráfico 3.4. Assim, foram contabilizados um total de 39 estabelecimentos comerciais que empregam 62 indivíduos. Destes estabelecimentos comerciais, 13% estão sediados no Baixo Alentejo, 46% no

Alentejo Central, 28% no Alto Alentejo e 13% no Alentejo Litoral. Verifica-se que o rácio estabelecimentos/população residente é superior no Alentejo Litoral, facto que se pode explicar pela proximidade desta região às cidades de Setúbal e Lisboa, locais onde se iniciou em Portugal a prática do Btt, nomeadamente na Serra da Arrábida. A quantidade de estabelecimentos comerciais em cada região poderá também relacionar-se com o número de praticantes existentes, na medida em que as regiões com mais praticantes são aquelas em que existe maior número de estabelecimentos, enquanto as regiões com menos praticantes as que têm menos estabelecimentos.

Gráfico 3.4 Número de estabelecimentos comerciais e empregados



Fonte: Própria

As novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet, estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. Por isso, recolheu-se informação no que respeita à utilização da internet pelas equipas de Btt, tendo-se verificado que 83% das equipas utilizam esta tecnologia através de *sítes*, blogs ou redes sociais, nos quais divulgam e promovem as actividades desenvolvidas, os patrocinadores e apoios, bem como os eventos que organizam.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS

Antes de se avançar para a explanação das opiniões e ideias dos praticantes Btt, doravante chamados de inquiridos, acerca de uma série de questões respeitantes à prática do Btt e também à sociedade em que vivem, é importante caracterizar

socialmente a amostra estudada, saber quem são as pessoas que constituem o objecto de análise do estudo através do conhecimento das suas principais características sociais.

Conforme se pode ver no quadro 3.2 a grande percentagem dos inquiridos (90,5%) são homens, número que espelha bem que o Btt é um desporto marcado por uma forte presença masculina. Embora o Btt seja um desporto que exige alguma disponibilidade física, esta hegemonia masculina passará mais por uma velha questão cultural que perpetua crenças sobre a superioridade masculina e a inferioridade feminina. Segundo Mariovet (2002), a fraca adesão da mulher à actividade desportiva não pode ser desligada dos preconceitos sobre o ideal de feminilidade que persistiu na sociedade portuguesa, tendo sido apelidadas de “maria-rapazes” quando manifestavam o gosto pela actividade física.

A maioria dos homens tem entre 30 a 44 anos de idade, frequentaram o 12º de escolaridade e residem no Alentejo Central; a maioria das mulheres também tem entre 30 a 44 anos de idade, frequentaram o ensino superior e residem no Baixo Alentejo.

Dos 9,5% de praticantes do sexo feminino, verifica-se que a maioria (68,9%) é oriunda das classes sociais dominantes, da pequena burguesia ou são estudantes, o que demonstra uma mudança de valores culturais através de uma participação desportiva mais igualitária por parte das mulheres nestas classes sociais.

Quadro 3.2 Sexo

	Fi	%
Masculino	276	90,5
Feminino	29	9,5

N-305

Fonte: Própria

A média de idade dos inquiridos é de 36 anos, inferior à média de idades da população residente no Alentejo, que segundo dados dos censos 2001 se situa nos 43 anos.

Na faixa etária até 29 anos encontram-se 25% dos inquiridos, abaixo da média da população residente; na faixa etária entre 30 e 44 anos encontram-se 57% dos inquiridos, acima da média da população residente; e na faixa etária com mais de 45 anos encontram-se 18% dos inquiridos, abaixo da média da população residente. Verifica-se assim, maior frequência de praticantes, na faixa etária dos 30 aos 44 anos, conforme se pode ver no quadro 3.3.

Cerca de metade dos inquiridos são casados e vivem com os cônjuges, um terço vive com os filhos e os restantes vivem com os pais.

Quadro 3.3 Escalão etário

Idade	Amostra %	Alentejo %
Até 29 anos	25	33
De 30 a 44 anos	57	20
Mais de 45 anos	18	47

N-305

Fonte: INE (Censos 2001)

A escolarização é um investimento útil para o desempenho profissional dos indivíduos, que facilita o acesso e desenvolvimento de uma actividade, e proporciona um envolvimento superior na vida social. Funciona também como mecanismo de selecção social, na medida em que legítima formas de participação, influência simbólica e poder social, sendo por isso um indicador privilegiado de recursos culturais, conhecimentos e qualificações dos indivíduos.

Relativamente ao nível de escolaridade frequentada, verifica-se que todos os inquiridos frequentaram o ensino. Destes, 14,8% estudaram até ao 9º ano, 42,3% até ao 12º ano e 43% frequentaram o ensino superior. Fazendo a comparação com o nível de escolaridade da população residente no Alentejo, verifica-se que os praticantes de Btt inquiridos têm um nível de escolaridade muito acima da média da população do Alentejo, conforme se pode confirmar no quadro 3.4. Em qualquer dos níveis de escolaridade, a maioria dos inquiridos tem idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos, sendo que a maioria dos que estudaram até ao 9º ano e ensino superior, residem no Baixo Alentejo, e os que estudaram até ao 12º ano residem no Alentejo Central.

Trata-se pois, de um universo de estudo com um nível de escolaridade elevada. O Btt parece inscrever-se numa prática mais frequente entre grupos de pessoas instruídas do que entre grupos de pessoas menos dotadas de recursos culturais. À semelhança das constatações de Bourdieu na obra *La Distinction* (1979), também aqui parece transparecer uma certa relação entre as práticas e os gostos culturais e o nível de instrução.

Quadro 3.4 Nível de escolaridade

	Amostra %	Alentejo %
Até 9º ano	15	78
12º Ano	42	14
Ensino superior	43	8

N-305

Fonte: INE (Censos 2001)

A condição perante o trabalho é um indicador da composição social de uma determinada população, na medida em que reflecte a situação dos indivíduos face à actividade económica.

Relativamente à condição perante o trabalho, verifica-se que 85,9% dos inquiridos se encontram a trabalhar, a maioria na faixa etária dos 30 aos 44 anos, com o 12º ano de escolaridade e residentes no Alentejo Central. Dos 3,9% que estão na situação de desemprego, metade são mulheres, a maioria destes são jovens com idades até 29 anos, com um nível de escolaridade até ao 9º ano e residentes no Baixo Alentejo. Os 2,3% de reformados são todos homens, a maioria destes estudaram até ao 9º ano e residem no Baixo Alentejo e Alentejo Central. Os estudantes representam 7,9% dos inquiridos, todos do sexo masculino, na faixa etária até 29 anos, a maioria frequenta o ensino superior e reside no Baixo Alentejo.

Conforme consta no quadro 3.5, verifica-se que a grande percentagem dos praticantes inquiridos se encontra em situação activa no mercado de trabalho, e que a percentagem de desempregados é significativamente inferior à média de desempregados na região e no país, afectando de uma forma significativa as mulheres, na medida em que os desempregados são em igual número em termos de sexo para proporções de inquiridos completamente díspares.

Quadro 3.5 Condição perante o trabalho

	Fi	%
Trabalho(a)	262	85,9
Desempregado(a)	12	3,9
Reformado(a)	7	2,3
Estudante	24	7,9

N-305

Fonte: Própria

A profissão possibilita encontrar diferenças de qualificação e de inserção socioeconómica, sendo por isso, um indicador importante na análise da composição social de uma população. Parafraseando Casanova (2004), a profissão liga os indivíduos à comunidade e à sociedade que os envolvem, contribuindo decisivamente para a estruturação dessa sociedade, é fonte principal de recursos e reconhecimento social, fundamento de redes de sociabilidade e de padrões culturais, de identidades sociais, de solidariedade, de organização e de influência cívica e política.

No que respeita às profissões dos inquiridos, apesar de algumas respostas não se apresentarem suficientemente precisas, designadamente, aqueles que denominaram a profissão como funcionários públicos, foram contabilizadas cerca de cem profissões diferentes. Com maior peso surgem, os militares e as forças de segurança, nomeadamente GNR e PSP que em conjunto representam 11,6% dos inquiridos, seguem-se os professores e docentes universitários 8,2%, e os estudantes² 7,9%. Com peso inferior, outras profissões se destacam, tais como, técnicos de várias áreas, engenheiros, operários fabris, enfermeiros e bancários. A maioria das mulheres inquiridas são estudantes, professoras, enfermeiras ou operárias fabris.

Verifica-se assim, que a larga maioria dos inquiridos se inclui no sector terciário, em muitos casos ligados à administração central e local, consubstanciando o forte crescimento deste sector em Portugal, inclusive em regiões de forte extensão rural.

Através das diversas situações na profissão, é possível identificar diferenças em termos de situação socioeconómica, de volume de recursos e poder.

Em relação à situação na profissão dos inquiridos, conforme se pode ver no quadro 3.6, 81% são assalariados, 7,9% nunca exerceram qualquer profissão, 7,5% são patrões, 3,3% independentes e 0,3% são trabalhadores familiares não remunerados.

Os que nunca trabalharam têm idade até 29 anos, enquanto que nas restantes modalidades a maioria tem idades compreendidas entre os 30 e 44 anos. Os independentes e os trabalhadores familiares não remunerados têm na sua maioria o 12º ano de escolaridade, e nas restantes modalidades a maioria dos inquiridos frequentou o ensino superior. A maioria dos inquiridos nas diversas situações na profissão reside no Alentejo Central, com excepção daqueles que nunca trabalharam cuja maioria reside no Baixo Alentejo.

² Autonomizou-se a condição de estudante e em certos planos de análise trabalhou-se como uma categoria comparável às situações socioprofissionais.

Quadro 3.6 Situação na profissão

	Fi	%
Nunca trabalhou	24	7,9
Patrão	23	7,5
Assalariado	247	81
Independente	10	3,3
Trabalhador familiar não remunerado	1	0,3

N-305

Fonte: Própria

As classes sociais reflectem as desigualdades e diferenças de recursos, poderes e oportunidades existentes na sociedade.

A distribuição dos inquiridos pelas diferentes classes sociais foi feita com base na tipologia ACM³, um modelo teórico flexível que se adapta a vários objectos de estudo.

Foram considerados cinco lugares de classe, nomeadamente, empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL), profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), trabalhadores independentes (TI), empregados executantes (EE) e operários e assalariados agrícolas (OAA).

Assim 8,5% dos inquiridos são empresários, dirigentes e profissionais liberais; 35,7% são profissionais técnicos e de enquadramento; 2% são trabalhadores independentes; 34,4% são empregados executantes; 11,5% são operários e assalariados agrícolas; e os restantes 7,9% são estudantes, conforme se pode ver no quadro 3.7.

Sobre os estudantes não foi recolhida informação que permitisse enquadrá-los nas classes sociais, ainda assim, verifica-se que a maioria destes estudantes frequentam o 12º ano ou o ensino superior, o que permite deduzir que aspiram pertencer às classes sociais mais favorecidas.

³ Modelo teórico e analítico que se refere às pertenças sociais, desenvolvido por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (2007).

Quadro 3.7 Distribuição pelas classes sociais

Classe Social	Fi	%
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	26	8,5
Profissionais técnicos e de enquadramento	109	35,7
Trabalhadores independentes	6	2,0
Empregados executantes	105	34,4
Operários e assalariados agrícolas	35	11,5
Estudantes	24	7,9

N-305

Fonte: Própria

Os empresários, dirigentes e profissionais liberais, na sua maioria, têm idades compreendidas entre os 30 e 44 anos (65,4%), residem no Baixo Alentejo (34,6%), e frequentaram o ensino superior (50%). Os profissionais técnicos e de enquadramento, na sua maioria, têm idades compreendidas entre os 30 e 44 anos (62,4%), residem no Baixo Alentejo (30,3%), e 95,4% destes frequentaram o ensino superior. Os trabalhadores independentes, na sua maioria, têm idades compreendidas entre os 30 e 44 anos (83,3%), residem no Baixo Alentejo (50%), e estão em igual percentagem quanto aos níveis de escolaridade, 9º ano, 12º ano e ensino superior. Os empregados executantes, na sua maioria, têm idades compreendidas entre os 30 e 44 anos (63,8%), residem no Alentejo Central (36,2%), e 79% destes frequentaram o 12º ano de escolaridade. Os operários e assalariados agrícolas, na sua maioria, têm idades compreendidas entre os 30 e 44 anos (54,3%), residem no Alto Alentejo (34,3%), e 57,1% destes frequentaram o 12º ano de escolaridade. A maioria dos estudantes encontra-se na faixa etária até 29 anos, residem no Baixo Alentejo (37,5%) e frequentam o ensino superior (45,8%).

Em termos de sexo nas diferentes classes sociais verifica-se que os homens predominam significativamente em todas as classes. Relativamente às mulheres, embora a maioria

sejam estudantes surgem em maior percentagem nos trabalhadores independentes, e em menor percentagem nos empregados executantes.

Relativamente à região de residência verifica-se que as classes sociais dominantes estão mais associadas aos residentes no Baixo Alentejo, e as classes sociais populares aos residentes no Alto Alentejo. Confirma-se ainda a discriminação existente em termos da variável nível de instrução nas várias classes sociais, estando naturalmente o ensino superior associado às classes sociais dominantes e o 12º ano de escolaridade associado à pequena burguesia menos favorecida e às classes sociais populares.

Na comparação da distribuição por classes sociais entre a amostra e a população portuguesa, facilmente se percebe que existem diferenças significativas. Conforme se pode ver no quadro 3.8, a única classe social com peso semelhante na população Portuguesa e na amostra são os empregados executantes. Prevaecem significativamente os profissionais técnicos e de enquadramento na amostra relativamente à população do país, em sentido inverso, os operários e assalariados agrícolas na amostra estão em clara inferioridade relativamente à população de Portugal. Os empresários, dirigentes e profissionais liberais e os trabalhadores independentes surgem em menor percentagem na amostra do que na população portuguesa.

Parece evidente que os operários e assalariados agrícolas estão claramente sub-representados na amostra, em contrapartida, os profissionais técnicos e de enquadramento estão sobre-representados.

É na pequena burguesia mais favorecida e nas classes sociais populares, que existe a grande diferença entre a amostra e a população portuguesa, tendo a primeira um peso superior na amostra e as segundas um peso superior na população portuguesa, o que permite pensar que a prática do Btt se assume particularmente relevante para a pequena burguesia mais favorecida.

Confirma-se desta forma, a hipótese de que existe diferente adesão de praticantes btt nas diferentes classes sociais. Apesar do Btt proliferar por todas as classes sociais, a grande percentagem de praticantes (70,1%), são profissionais técnicos e de enquadramento e empregados executantes. Se nos empregados executantes o peso dos praticantes no universo do estudo, é equivalente ao peso desta classe na sociedade portuguesa, nos profissionais técnicos e de enquadramento a realidade é bem diferente, uma vez que esta classe apenas representa 14,1% da sociedade Portuguesa, segundo Costa (2007).

Quadro 3.8 Distribuição das classes sociais na amostra e na população portuguesa

Classe Social	Amostra %	População Portuguesa %
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	8,5	11,7
Profissionais técnicos e de enquadramento	35,7	14,1
Trabalhadores independentes	2	7,8
Empregados executantes	34,4	35,5
Operários e assalariados agrícolas	11,5	31

N-281

Fonte: Questionário e Costa (2007)

Da análise às características sociais dos inquiridos, verifica-se que a maioria dos praticantes Btt são homens, na faixa etária entre trinta e quarenta e quatro anos, que frequentam ou frequentaram o ensino superior, inseridos no mercado de trabalho, assalariados, afectos ao sector terciário, ligados à administração central e local e pertencentes às classes sociais dos profissionais técnicos e de enquadramento e empregados executantes, ou seja, à pequena burguesia.

Desta forma, parece razoável estabelecer alguma associação, ou pelo menos assinalar uma tendência considerável para a prática do Btt pelas classes sociais menos desfavorecidas. A este fenómeno, certamente não estará alheia a diferente posse de capitais, nomeadamente o capital económico e cultural. Embora o Btt possa ser praticado sem custos significativos, na prática, não é assim que acontece, como adiante se poderá confirmar na análise ao investimento efectuado inquiridos em bicicletas, equipamento e acessórios. Facilmente se percebe também, que a prática deste desporto está associada a níveis de instrução elevados, uma vez que a maioria dos inquiridos frequentou o ensino superior.

3.4 VALORES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O Btt surgiu em Portugal no final da década de 80, mas foi nos últimos dez anos que se desenvolveu consideravelmente.

Conhecer o tempo de prática de btt dos inquiridos, torna-se importante, para se saber com mais precisão, não só o espaço temporal de entrada da modalidade no Alentejo, como também as regiões onde se iniciou com maior número de praticantes, relacionar

com a idade, sexo e nível de escolaridade destes, bem como conhecer as classes sociais pioneiras na prática deste desporto.

Desta forma, verifica-se que a grande percentagem dos inquiridos (46,9%), tem entre um a quatro anos de prática de Btt, 26,6% entre cinco a dez anos, 20,3% mais de dez anos, e os restantes 6,2 % iniciaram-se nesta modalidade há menos de um ano. Pode-se concluir que, apesar de uma percentagem significativa de praticantes já o ser há mais de dez anos, foi nos últimos quatro anos que esta modalidade mais se desenvolveu no Alentejo e mais praticantes aderiram a este desporto.

Verifica-se ainda, que embora o Btt tenha surgido no Alentejo como uma modalidade exclusivamente masculina, a crescente presença feminina nos últimos quatro anos parece estar a alterar essa realidade.

O tempo de prática aumenta paralelamente à idade dos inquiridos, uma vez que na faixa etária até 29 anos, 77,3% dos inquiridos começaram a praticar Btt nos últimos quatro anos; na faixa etária dos 30 aos 44 anos, metade dos inquiridos já praticam Btt há cinco ou mais anos e a restante metade iniciou-se nos últimos quatro anos; e na faixa etária com mais de 45 anos a maioria dos inquiridos (70,3%) são praticantes com cinco ou mais anos.

Os inquiridos com mais tempo de prática de Btt frequentaram o ensino até ao 12º ano de escolaridade, enquanto a maioria daqueles que se iniciaram no último ano frequentam ou frequentaram o ensino superior, confirmando desta forma, a tendência já anteriormente assinalada para a prática do Btt por parte de indivíduos com um nível de escolaridade elevado.

O Baixo Alentejo é a região onde a maioria dos inquiridos se iniciou na prática do Btt nos últimos quatro anos, nas restantes regiões a maioria pratica Btt há cinco ou mais anos. Destas, o Alentejo Litoral é a região onde o Btt surgiu com maior número de praticantes, uma vez que 32,6% dos inquiridos nesta região contam com dez ou mais anos de prática deste desporto.

Verifica-se também, que existem algumas diferenças relativas ao tempo de prática de btt nas várias classes sociais. Mais antigos na prática do btt surgem os empregados executantes, empresários, dirigentes e profissionais liberais e profissionais técnicos e de enquadramento; com menos tempo de prática deste desporto aparecem os trabalhadores independentes e os operários e assalariados agrícolas, conforme se pode confirmar no quadro 3.9.

Esta análise permite perceber que a pequena burguesia e as classes sociais dominantes foram os pioneiros na prática do btt no Alentejo, chegando esta prática posteriormente às classes sociais populares, indiciando desta forma, que as classes sociais mais favorecidas são mais receptivas às práticas desportivas inovadoras, enquanto que as classes sociais populares se mantêm mais resistentes a estas práticas desportivas inovadoras, indo desta forma ao encontro de algumas ideias propostas por Bourdieu, relativas à difusão de práticas culturais pelas diferentes classes sociais. Confirma-se também que as classes sociais dominantes continuam a desempenhar um papel decisivo no êxito das novas criações e das novas normas culturais.

Sinteticamente, os inquiridos mais antigos na prática do Btt têm mais de 45 anos, frequentaram o 12º ano de escolaridade e residem no Alentejo Litoral, região onde parece ter-se iniciado o Btt no Alentejo, certamente pela proximidade à Serra da Arrábida, local onde decorreram os primeiros eventos, estendendo-se posteriormente às regiões do Alentejo Central e Alto Alentejo e finalmente ao Baixo Alentejo. A maioria dos inquiridos recém-chegados ao Btt, com menos de um ano de prática, está na faixa etária até 29 anos, frequentaram ou frequentam o ensino superior e residem no Baixo Alentejo. A presença feminina surge no Btt com maior incidência a partir de 2007, tendo 82,8% das mulheres inquiridas iniciado a prática desta modalidade nos últimos quatro anos.

Quadro 3.9 Tempo de prática de Btt

Classe social	Menos de 1 ano	1 a 4 anos	5 a 10 anos	Mais de 10 anos	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	1 3,8%	12 46,2%	7 26,9%	6 23,1%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	7 6,4%	47 43,1%	33 30,3%	22 20,2%	109 100%
Trabalhadores independentes	1 16,7%	5 83,3%	0 0,0%	0 0,00%	6 100%
Empregados executantes	4 3,8%	44 41,9%	30 28,6%	27 25,7%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	3 8,6%	18 51,4%	8 22,9%	6 17,1%	35 100%
Estudantes	3 12,5%	17 70,8%	3 12,5%	1 4,2%	24 100%
Total	19 6,2%	143 46,9%	81 26,6%	62 20,3%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Além do tempo de prática, também o meio incentivador à prática do Btt é um factor interessante de análise, não apenas porque permite saber quem são as pessoas que estão na origem da propagação do Btt, como permite ainda identificar uma rede de relações sociais dos inquiridos, neste caso, ancoradas na prática de um desporto.

Questionados sobre os incentivos na prática do Btt, as respostas incidem maioritariamente nos amigos, outros descartam qualquer incentivo referindo que já andavam de bicicleta, e com menos respostas surgem os colegas de profissão e familiares. Verifica-se assim que, 46,4% dos inquiridos aderiram ao Btt através dos amigos, 27% iniciaram-se nesta modalidade porque já mantinham algum contacto com a bicicleta, 11% por colegas de profissão, 10,8% por familiares, e os restantes 4,8% referem outros incentivos.

No entanto, se para a maioria dos homens foram os amigos os principais incentivadores na prática do Btt, já a maioria das mulheres aderiram ao Btt com o incentivo de familiares, uma parte significativa provavelmente incentivada pelos cônjuges que também são praticantes, dado que, cerca de metade das mulheres inquiridas vive com os cônjuges.

Considerando a faixa etária verifica-se por um lado que, nas faixas etárias até 29 anos e dos 30 aos 44 anos, os praticantes foram incentivados maioritariamente pelos amigos; por outro lado, verifica-se que a maioria dos mais velhos (com mais de 45 anos) refere que já andava de bicicleta; simultaneamente, é também aqui que se encontra boa parte dos pioneiros da prática do Btt. Ou seja, o recrutamento para a modalidade teve nos amigos parte do incentivo numa fase de consolidação, mas não tanto nos seus primórdios.

Neste mesmo sentido verifica-se que a maioria dos inquiridos residentes no Alentejo Litoral já mantinha contacto com a bicicleta, enquanto que, nos inquiridos residentes nas restantes regiões, os amigos revelaram-se o principal meio incentivador na prática do Btt.

Embora os amigos se apresentem como principal meio incentivador da prática do btt, em todas as classes sociais, é possível destacar algumas diferenças. No caso dos trabalhadores independentes e empresários, dirigentes e profissionais liberais, os familiares revelam-se como um incentivo significativo, o que permite pensar que, nestas classes sociais seja mais comum a prática desportiva em família. Igualmente interessante de verificar, os empregados executantes e operários e assalariados agrícolas encontram nos colegas de profissão, um meio incentivador significativo na prática do Btt.

Ressaltam assim na pequena burguesia e nas classes sociais populares, relações sociais ao nível do desporto que se estabelecem no emprego, nomeadamente, a prática desportiva na companhia de colegas de profissão, significando assim, que estes indivíduos para além da partilha do posto de trabalho, criam outros laços sociais, que lhes permitem desenvolver no seio do grupo de trabalho outras actividades extra emprego, conforme se pode ver no quadro 3.10.

Quadro 3.10 Incentivo na prática do Btt

Classe social	Amigos	Familiares	Colegas de profissão	Já andava de bicicleta	Outra
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	13 50,0%	7 26,9%	1 3,8%	12 46,2%	3 11,5%
Profissionais técnicos e de enquadramento	68 62,4%	18 16,5%	18 16,5%	40 36,7%	6 5,5%
Trabalhadores independentes	5 83,3%	3 50,0%	0 0,0%	2 33,3%	1 16,7%
Empregados executantes	68 64,8%	8 7,6%	20 19,0%	36 34,3%	8 7,6%
Operários e assalariados agrícolas	26 74,3%	4 11,4%	7 20,0%	13 37,1%	1 2,9%
Estudantes	14 58,3%	5 20,8%	0 0,0%	10 41,7%	1 4,2%

N-305

Fonte: Própria

A bicicleta todo-o-terreno, também designada de bicicleta de montanha, é o instrumento utilizado na prática do Btt. Actualmente existem bicicletas para todos os preços e gostos, cada vez mais sofisticadas, concebidas a pensar no rendimento desportivo e também na comodidade do utilizador.

A evolução deste desporto levou muitos praticantes a adquirir mais que uma bicicleta, uma vez que associado à prática do Btt está também o ciclismo, logo, existem praticantes que têm simultaneamente bicicletas apropriadas à prática do Btt e do ciclismo. É conveniente esclarecer que, a bicicleta utilizada no Btt é bem diferente da bicicleta

utilizada no ciclismo. A primeira é uma bicicleta mais robusta e mais pesada, concebida para ser mais resistente e por isso, apropriada a todo o tipo de terreno, enquanto que a segunda é uma bicicleta apropriada para andar em estrada, menos robusta e mais leve, concebida para ser mais veloz.

Porque nem todos partilham os mesmos recursos, é importante perceber que diferenças existem relativamente às bicicletas utilizadas pelos inquiridos, nomeadamente, a quantidade de bicicletas, preço e qualidade destas.

No que respeita à quantidade de bicicletas, verificamos que 42,2% dos inquiridos possui apenas uma bicicleta, 42% dizem ter duas e 15,8% três ou mais. Dos que têm mais que uma bicicleta, 42,3% dizem que uma delas é uma bicicleta de estrada, o que revela que parte significativa dos inquiridos pratica simultaneamente as duas modalidades.

A quantidade de bicicletas difere também em termos de sexo. A maioria dos homens (62%) têm duas ou mais bicicletas, por sua vez, a maioria das mulheres (82,8%) têm apenas uma bicicleta. Uma justificação possível está no facto da grande percentagem das mulheres inquiridas praticar apenas Btt e não praticar simultaneamente ciclismo.

Embora em todas as faixas etárias a maioria dos inquiridos possua mais que uma bicicleta, este número é menor nos mais jovens, na faixa etária até 29 anos, possivelmente por questões financeiras, pois é nesta faixa etária que se encontram os estudantes e a maioria dos desempregados.

Conforme se pode ver no quadro 3.11, em todas as classes sociais se verifica que a maioria dos inquiridos têm duas ou mais bicicletas, sendo esta tendência mais acentuada nas classes sociais dominantes e pequena burguesia mais favorecida, o que poderá reflectir não só a experiencia em termos de tempo e de regularidade na prática deste desporto, como também a posse de capital económico e simbólico. Começa assim a perceber-se, que o Btt é um desporto que exige algum esforço financeiro, como adiante se comprovará na análise ao investimento efectuado pelos inquiridos.

Quadro 3.11 Quantidade de bicicletas

Classe social	1	2	3	4	6	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	8 30,8%	13 50,0%	2 7,7%	3 11,5%	0 0,0%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	46 42,2%	44 40,4%	18 16,5%	0 0,0%	1 0,9%	109 100%
Trabalhadores independentes	3 50,0%	2 33,3%	1 16,7%	0 0,0%	0 0,0%	6 100%
Empregados executantes	44 41,9%	46 43,8%	13 12,4%	1 1,0%	1 1,0%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	17 48,6%	12 34,3%	5 14,3%	1 2,9%	0 0,0%	35 100%
Estudantes	11 45,8%	11 45,8%	0 0,0%	2 8,3%	0 0,0%	24 100%
Total	129 42,3%	128 42,0%	39 12,8%	7 2,3%	2 0,7%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

O mercado coloca ao dispor dos seus clientes bicicletas de vários preços, que podem custar desde 300€ até ultrapassar os 5000€. Importa referir que não foram consideradas bicicletas com custo inferior a 300€, por não se julgarem bicicletas adequadas à prática regular do Btt, mas sim a passeios esporádicos de lazer, uma vez que não possuem robustez e qualidade suficiente para serem utilizadas com frequência em todo o tipo de terreno.

Quanto ao investimento em bicicletas, 29,5% dos inquiridos dizem ter investido até 1000€, 45,6% investiram entre 1001€ e 3000€, e 24,9% admite um investimento superior a 3001€, conforme se pode ver no quadro 3.12.

A grande maioria dos inquiridos (70,5%) fez um investimento em bicicletas superior a 1001€, revelando assim que o Btt é um desporto que exige determinado investimento. Desta forma, a aquisição da bicicleta pode à partida, criar uma eventual barreira a nível financeiro que acaba de alguma forma por seleccionar os praticantes, uma vez que nem todos os indivíduos dispõem de capital económico suficiente para fazer um investimento desta natureza na aquisição de uma bicicleta.

Quadro 3.12 Investimento em bicicletas

	Fi	%
Até 1000€	90	29,5
Entre 1001€ e 3000€	139	45,6
Mais de 3001€	76	24,9

N-305

Fonte: Própria

As mulheres investem menos que os homens em bicicletas, na medida em que mais de metade das inquiridas investiu até 1000€, enquanto a maioria dos homens fez um investimento superior a esse valor. Esta diferença poderá explicar-se em parte, pelo facto da maioria das mulheres inquiridas não praticar Btt com objectivos de competição, preferindo os passeios guiados ou simples passeios com amigos à participação em maratonas com competição, não necessitando por isso de bicicletas tão evoluídas e consequentemente mais caras.

O investimento em bicicletas aumenta em paralelo com a idade e com o nível de escolaridade frequentada, uma vez que, apesar da maioria dos inquiridos ter feito um investimento superior a 1001€, este investimento aumenta nas faixas etárias dos 30 aos 44 e mais de 45 anos e também nos inquiridos que frequentaram o 12º ano de escolaridade e o ensino superior. A este fenómeno poderá estar associada uma certa estabilidade financeira e de emprego que geralmente acontece nestas idades.

A maioria dos inquiridos residentes no Alto Alentejo e Alentejo Litoral investiram mais em bicicletas que a maioria dos inquiridos residentes no Baixo Alentejo e no Alentejo Central. Uma explicação possível para esta diferença de investimentos poderá passar pelo facto da maioria dos inquiridos residentes no Alto Alentejo e Alentejo Litoral preferir a participação em maratonas com competição, investindo por isso em bicicletas mais evoluídas e de qualidade superior.

Existe ainda uma relação entre o investimento em bicicletas e o tempo de prática de Btt, na medida em que a maioria dos inquiridos com menos de um ano de prática investiram até 1000€, e a maioria dos inquiridos com mais tempo de Btt fizeram um investimento superior a 1001€, parte da explicação para tal, poderá encontrar-se no facto dos praticantes optarem numa fase inicial de experimentação por bicicletas usadas ou por modelos mais simples, fazendo o menor investimento possível.

A regularidade na prática do Btt também está relacionada com o investimento em bicicletas, uma vez que os inquiridos que praticam Btt com mais regularidade,

diariamente, duas a três vezes por semana ou semanalmente, são os que investiram mais de 1001€ em bicicletas, enquanto aqueles que praticam Btt com menos regularidade, algumas vezes por mês, fizeram um investimento em bicicletas até 1000€.

Ao nível das classes sociais, o investimento em bicicletas também não é igual. Com um investimento da maioria dos inquiridos superior a 1001€, os empresários, dirigentes e profissionais liberais os profissionais técnicos e de enquadramento e os empregados executantes são as classes que mais investiram em bicicletas, sobretudo os empresários, dirigentes e profissionais liberais em que 46,2% dos inquiridos investiu mais de 3001€. Contrariamente, com um investimento da maioria dos inquiridos inferior a 1000€, os trabalhadores independentes, os operários e assalariados agrícolas e os estudantes são aqueles que menos investiram em bicicletas.

Com exceção dos trabalhadores independentes, verifica-se que o investimento em bicicletas aumenta paralelamente à hierarquia das classes sociais, conforme se pode confirmar no quadro 3.13.

Verifica-se assim um investimento superior em bicicletas por parte das classes sociais dominantes e pequena burguesia mais favorecida, supostamente os mais dotados de recursos económicos, fazendo desta forma valer o seu capital económico e consequentemente o seu capital simbólico.

Quadro 3.13 Investimento em bicicletas nas classes sociais

Classe social	Até 1000€	Entre 1001€ e 3000€	Mais de 3001€	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	2 7,7%	12 46,2%	12 46,2%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	27 24,8%	54 49,5%	28 25,7%	109 100%
Trabalhadores independentes	4 66,7%	2 33,3%	0 0,0%	6 100%
Empregados executantes	30 28,6%	48 45,7%	27 25,7%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	16 45,7%	15 42,9%	4 11,4%	35 100%
Estudantes	11 45,8%	8 33,3%	5 20,8%	24 100%
Total	90 29,5%	139 45,6%	76 24,9%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Actualmente existe uma oferta diversificada de marcas de bicicletas, de quadros e outros componentes que fazem parte da construção das bicicletas, o que permite uma escolha variada, quer a nível de preços quer a nível de qualidade.

Apesar de cada marca possuir vários modelos de bicicletas a diferentes preços, de uma forma geral, existem marcas mais baratas como por exemplo, Vag ou Rockrider, marcas intermédias como por exemplo, BH ou Mérida e marcas mais caras como por exemplo, Specialized, Stevens ou Cannodale.

Na preferência da maioria dos inquiridos estão as marcas mais caras e mais conceituadas, nomeadamente a Specialized, Cannodale, KTM e Treck. Esta escolha não sofre alterações significativas quando cruzada com as diferentes variáveis em estudo, embora importe referir que 13,8% das mulheres inquiridas admite desconhecer as marcas.

“O quadro é a coluna vertebral da bicicleta...” (Plas citado por Alpiarça 2002). As marcas procuram produzir quadros simultaneamente resistentes e o menos pesado possível, utilizando diversas matérias de forma a obter bicicletas mais leves. Actualmente os quadros mais utilizados são feitos de alumínio, carbono ou titânio, sendo o primeiro mais pesado e mais barato e os últimos mais leves e mais caros.

Os quadros de carbono são aqueles que acolhem maior preferência nos inquiridos, ainda assim 20,7% das mulheres inquiridas revela indiferença relativamente à escolha do quadro, talvez por desconhecimento e 37% dos inquiridos na faixa etária com mais de 45 anos preferem os quadros de alumínio, talvez porque sejam mais resistentes relativamente às inovações sugeridas pelas diversas marcas.

Para além do quadro, existem também outros componentes importantes que fazem a diferença, tais como pedaleiras, sistemas de mudanças e de travão, para os quais embora existam marcas de baixo custo, concorrem quase exclusivamente, as marcas Shimano e Sram, com vários modelos a preços diferenciados, sendo mais baratos na marca Shimano os modelos Acera, Deore e SLX, e mais caros os modelos XT e XTR. Na marca Sram, os modelos mais económicos são X4 e X9 e os modelos mais caros são X0 e XX.

Os modelos Shimano XTR e XT (os mais caros) são os preferidos da maioria dos inquiridos, ressaltando ainda que 37,9% das mulheres inquiridas manifestem indiferença em relação aos componentes, o que se pode justificar por desconhecimento e talvez porque tenham menos propensão para estas questões mais técnicas.

Em síntese, para mais de metade dos inquiridos o modelo de bicicleta ideal, é de marcas mais caras como Specialized, Treck, Stevens ou Cannodale, com quadro de carbono e componentes Shimano XT e XTR. No entanto, apesar de ser o modelo preferido em todas as classes sociais, verifica-se que acolhe maior preferência nas classes sociais dominantes e pequena burguesia do que nas classes sociais populares e nos estudantes. Será por desconhecimento ou será uma adequação do ideal às possibilidades objectivas de alcance? Provavelmente a segunda hipótese, uma vez que a grande maioria dos praticantes Btt têm conhecimento das marcas, conforme se confirma pelo número pouco significativo de respostas à opção “não conheço as marcas”, 2,6% relativamente à marca das bicicletas e 5,6% relativamente aos componentes.

Para além da bicicleta, e embora este desporto possa ser praticado sem recurso a qualquer equipamento adicional específico, a verdade é que este equipamento adicional específico existe e é utilizado praticamente pela totalidade dos praticantes de Btt.

O capacete, sapatos, vestuário, e outros acessórios como luvas, óculos ou conta-quilómetros, formam o equipamento básico normalmente utilizado pelos praticantes Btt. Existem vários preços para este equipamento, um capacete mais barato pode custar até 50€ e mais caro pode custar mais de 150€; os sapatos mais baratos podem ir até 100€ e os mais caros podem custar mais de 200€; o vestuário pode ser adquirido com um custo até 100€ ou pode custar mais de 300€; e os diversos acessórios podem ir até preços superiores a 300€.

Quanto ao investimento em equipamento, a maioria dos inquiridos fez um investimento entre 51€ e 150€ no capacete, até 100€ em sapatos, até 100€ em vestuário e até 100€ em acessórios. Fazendo a soma, o investimento em equipamento que pode chegar aos 450€ por praticante. É de referir que a maioria dos inquiridos não se reserva ao investimento no capacete, o que revela alguma preocupação com a questão da segurança.

As mulheres inquiridas são mais reservadas no investimento em equipamento do que os homens, uma das justificações possíveis para que tal aconteça prende-se com a menor regularidade com que praticam Btt relativamente aos homens. Verifica-se também que o investimento em equipamento aumenta paralelamente com a idade dos praticantes inquiridos, tempo e regularidade na prática desta modalidade.

O investimento em equipamento não é igual por parte das diferentes classes sociais. Verifica-se que as classes sociais dominantes e a pequena burguesia mais favorecida, são as classes que mais investem em equipamento, nomeadamente os empresários,

dirigentes e profissionais liberais. Esta diferença está bem patente no investimento no capacete, onde se verifica claramente que as classes sociais dominantes adquirem capacetes mais caros, manifestando assim superior interesse pela questão da segurança, conforme se pode ver no quadro 3.14.

Relativamente ao investimento em sapatos, vestuário e acessórios, também os empresários, dirigentes e profissionais liberais, profissionais técnicos e de enquadramento e trabalhadores independentes são os que usam equipamento mais caro, enquanto os empregados executantes, operários e assalariados agrícolas e estudantes são os que investem menos em equipamento.

Quadro 3.14 Investimento em capacete

Classe social	Sem custo	Até 50€	Entre 51€ e 150€	Mais de 151€	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	0 0,0%	5 19,2%	16 61,5%	5 19,2%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	1 0,9%	41 37,6%	57 52,3%	10 9,2%	109 100%
Trabalhadores independentes	0 0,0%	3 50,0%	3 50,0%	0 0,0%	6 100%
Empregados executantes	0 0,0%	50 47,6%	45 42,9%	10 9,5%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	0 0,0%	24 68,6%	11 31,4%	0 0,0%	35 100%
Estudantes	3 12,5%	11 45,8%	9 37,5%	1 4,2%	24 100%
Total	4 1,3%	134 43,9%	141 46,2%	26 8,5%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Confirma-se assim que as várias classes sociais têm diferentes níveis de investimento associado à prática do Btt. Existem classes sociais em que a maioria dos praticantes para além da bicicleta de Btt têm bicicleta de estrada, porque praticam também ciclismo como forma de treino para o Btt. Embora partilhem em grande parte as mesmas condições, a verdade é que não o fazem em bicicletas iguais, nem com equipamento igual, pois os diferentes investimentos permitem confirmar que o fazem em bicicletas diferentes e com equipamento de qualidade diferente, que proporciona um rendimento e comodidade

também diferente, sendo as classes sociais dominantes e pequena burguesia mais favorecida, supostamente melhor dotadas de condições financeiras, aquelas que de um modo geral melhores meios dispõem para a prática do Btt.

Os diferentes tipos de capital atribuem aos indivíduos diferentes oportunidades, diferente poder ou diferente prestígio. Parece aplicar-se a teoria de Pierre Bourdieu, na medida em que o Btt também pode ser utilizado como forma de afirmação do capital económico por parte das classes sociais. Este tipo de capital confere poder e oportunidade na aquisição de bicicletas e equipamento mais caros e de melhor qualidade, que atribuem maior prestígio, e conseqüentemente, levam à distinção relativamente às restantes classes sociais.

Para além dos meios utilizados na prática do Btt, interessa também avaliar a forma como é praticado. Saber quem são os acompanhantes, a regularidade com que se pratica, o local onde se pratica ou até o tipo de eventos frequentados, são indicadores que demonstram semelhanças ou diferenças nos comportamentos dos inquiridos.

O Btt é um desporto que pode ser praticado individualmente ou em grupo, com maior ou menor regularidade, não obedece a local específico e coloca ao dispor dos seus praticantes vários tipos de eventos organizados, relacionados com a modalidade.

Mais de metade dos praticantes inquiridos são membros e praticantes de equipas Btt, tendência verificada de um modo geral nas várias classes sociais, o que revela claramente que, apesar de ser um desporto que pode ser praticado individualmente, é em grupo que os inquiridos preferem praticar Btt, particularmente com os amigos.

A tendência para a prática do Btt em grupo é mais acentuada nas mulheres, onde a grande maioria não prescinde de companhia, especialmente dos amigos e familiares. Esta tendência pode explicar-se, por um lado, pelo facto da maioria das mulheres que pratica Btt privilegiar o convívio, divertimento e lazer e menos a competição; por outro lado, possivelmente pelo receio em percorrer grandes distâncias em locais mais ermos e pouco frequentados, potenciadores de alguns riscos em termos de segurança.

A idade parece não influenciar a escolha dos acompanhantes na prática do Btt, uma vez que se verifica comportamento semelhante em todas as faixas etárias, ou seja, a preferência pela prática em grupo, nomeadamente, com os amigos.

Verifica-se também que a preferência pela prática individual é mais frequente nos inquiridos com mais tempo de prática e naqueles que praticam Btt com mais regularidade. Este facto estará certamente associado à prática do Btt com fins mais

competitivos, ao passo que a prática em grupo estará mais associada ao lazer e sociabilidade.

Embora a preferência pela companhia dos amigos se verifique em todas classes sociais, é interessante verificar que os empregados executantes e os profissionais técnicos e de enquadramento são aqueles que mais praticam Btt individualmente; os trabalhadores independentes e os empresários, dirigentes e profissionais liberais os que mais praticam Btt em família; e os empregados executantes parecem ser os menos reservados, pois é a classe mais disponível à companhia de outros grupos de praticantes, conforme se pode ver no quadro 3.15.

À semelhança dos resultados obtidos em outros estudos, também aqui se confirma a indissociabilidade entre as práticas de lazer e sociabilidades, na medida em que é com os amigos que os inquiridos mais praticam Btt, surgindo estes como um importante meio de socialização, como fonte de capital relacional e de legitimação dos gostos culturais.

Quadro 3.15 Acompanhantes na prática do Btt

Classe social	Individualmente	Com a família	Com amigos	Com vários grupos de praticantes	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	10	7	26	12	26
	38,5%	26,9%	100,0%	46,2%	
	3,3%	2,3%	8,5%	3,9%	8,5%
Profissionais técnicos e de enquadramento	46	15	95	24	109
	42,2%	13,8%	87,2%	22,0%	
	15,1%	4,9%	31,1%	7,9%	35,7%
Trabalhadores independentes	2	4	5	1	6
	33,3%	66,7%	83,3%	16,7%	
	0,7%	1,3%	1,6%	0,3%	2,0%
Empregados executantes	47	14	96	49	105
	44,8%	13,3%	91,4%	46,7%	
	15,4%	4,6%	31,5%	16,1%	34,4%
Operários e assalariados agrícolas	13	3	33	12	35
	37,1%	8,6%	94,3%	34,3%	
	4,3%	1,0%	10,8%	3,9%	11,5%
Estudantes	8	4	20	6	24
	33,3%	16,7%	83,3%	25,0%	
	2,6%	1,3%	6,6%	2,0%	7,9%
Total	126	47	275	104	305
	41,3%	15,4%	90,2%	34,1%	100%

N-305

Fonte: Própria

A regularidade com que se pratica Btt é indicador do tempo investido neste desporto, e consequentemente, da importância que ocupa na vida dos inquiridos. No que diz respeito à regularidade com que os inquiridos praticam btt, 9,8% praticam diariamente; 40,7% dizem praticar btt duas a três vezes por semana; 37% semanalmente, e 12,5% admitem praticar Btt poucas vezes por mês. Parece clara a importância que o Btt ocupa na vida dos inquiridos, uma vez que mais de metade destes pratica Btt com uma regularidade significativa, pelo menos duas a três vezes por semana.

Os homens praticam Btt mais regularmente que as mulheres. A maioria dos inquiridos masculinos pratica Btt duas a três vezes por semana, enquanto a maioria das mulheres apenas o faz semanalmente.

São os inquiridos mais jovens, onde se inserem os estudantes, e os menos jovens, onde se inserem os reformados, aqueles que praticam Btt com mais regularidade, duas a três vezes por semana. A faixa etária intermédia, dos trinta aos quarenta e quatro anos, fá-lo semanalmente. Este facto pode justificar-se em parte pelo factor disponibilidade, na medida em que, à partida existe maior disponibilidade por parte dos inquiridos estudantes e reformados, uma vez que não estando inseridos no mercado de trabalho, não se sujeitam ao cumprimento de um horário laboral.

Verifica-se que os inquiridos residentes no Baixo e Alto Alentejo praticam Btt com mais regularidade, duas a três vezes por semana, enquanto que a maioria dos residentes no Alentejo Central e Alentejo Litoral o faz semanalmente. Este facto poderá estar associado à preferência dos inquiridos nestas regiões pela participação em eventos organizados, nomeadamente maratonas com competição e passeios com andamento livre, os quais exigem maior dedicação e treino.

Verifica-se ainda que a regularidade na prática do Btt aumenta paralelamente ao tempo de prática, ou seja, os praticantes com mais anos na modalidade, praticam Btt com mais regularidade que aqueles que se iniciaram há menos tempo.

Ao nível das várias classes sociais, a maioria dos empresários, dirigentes e profissionais liberais praticam Btt semanalmente, possivelmente ao fim de semana aproveitando a pausa da actividade laboral. Nas restantes classes sociais, verifica-se que praticam Btt com mais regularidade, o que se pode explicar pela disponibilidade para treinar com objectivos de competição. Os estudantes e operários e assalariados agrícolas são os que revelam maior disponibilidade para a prática diária do Btt, contrariamente, os trabalhadores independentes são a classe que revela menor regularidade na prática deste desporto, conforme se pode ver no quadro 3.16.

Quadro 3.16 Regularidade na prática do Btt

Classe social	Diariamente	2 a 3 vezes por semana	Semanalmente	Poucas vezes por mês	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	2 7,7%	10 38,5%	13 50,0%	1 3,8%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	10 9,2%	45 41,3%	40 36,7%	14 12,8%	109 100%
Trabalhadores independentes	0 0,0%	3 50,0%	1 16,7%	2 33,3%	6 100%
Empregados executantes	9 8,6%	43 41,0%	40 38,1%	13 12,4%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	4 11,4%	14 40,0%	12 34,3%	5 14,3%	35 100%
Estudantes	5 20,8%	9 37,5%	7 29,2%	3 12,5%	24 100%
Total	30 9,8%	124 40,7%	113 37,0%	38 12,5%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Não obedecendo a um local específico ou delimitado, existem praticantes que cingem o local onde praticam Btt à sua localidade ou concelho de residência, outros, porventura mais devotos a este desporto, estendem esta prática a todo o país ou mesmo ao estrangeiro. O local onde se pratica Btt revela-se assim um indicador da disponibilidade e dedicação dos inquiridos a este desporto, e conseqüentemente, do nível de importância que o Btt assume na vida de cada um, bem como do investimento financeiro que acarreta, uma vez que, quanto mais se estende geograficamente os locais onde pratica mais custos lhes estão associados.

Relativamente ao local em que desenvolvem a prática do Btt, embora o façam um pouco por todo o país e também no estrangeiro, a maioria dos inquiridos aponta o concelho de residência e o Alentejo como locais de eleição para esta prática desportiva.

Os homens alargam mais o local de prática que as mulheres, que praticam Btt mais próximo da residência. Também a idade parece estar relacionada com o local de prática, pois a maioria dos inquiridos na faixa etária até 29 anos estendem o local de prática ao Alentejo e a todo o país, enquanto a maioria dos inquiridos nas restantes faixas etárias praticam Btt no concelho de residência.

O tempo e regularidade na prática do Btt também estão relacionados com os locais onde se pratica, na medida em que os inquiridos com mais tempo de Btt, e aqueles que praticam com mais regularidade, são os que alargam a prática a todo o país.

Parecem não se verificar diferenças significativas ao nível das classes sociais. No entanto, é de salientar que nem todas as classes sociais estendem a prática do Btt além-fronteiras, nomeadamente, os trabalhadores independentes e operários e assalariados agrícolas que limitam esta prática do Btt ao nosso país.

O Btt pode ser praticado informalmente, de forma livre e espontânea através de passeios ou treinos em circuitos escolhidos pelo praticantes e durante o tempo que o praticante entender, ou formalmente através da participação em eventos organizados onde o praticante se sujeita às regras impostas pela organização do evento em causa.

Será que os inquiridos adoptam as mesmas formas de praticar Btt? Têm preferência pelos mesmos eventos? Estarão os diferentes tipos de eventos associados às preferências das várias classes sociais?

A prática formal, através da participação em eventos organizados, nomeadamente maratonas com competição e passeios com andamento livre, é a forma de praticar Btt que acolhe maior agrado por parte dos inquiridos, conforme se pode ver no quadro 3.17.

Quadro 3.17 Formas de praticar Btt

	Fi	%
Maratonas com competição	116	38
Passeios com andamento livre	94	30,8
Passeios guiados	16	5,2
Treinos	4	1,3
Passeios com amigos	75	24,6

N-305

Fonte: Própria

Ambos os sexos demonstram preferência pela participação em eventos organizados, embora dentro destes façam opções diferenciadas. A maioria das mulheres, menos admiradoras da competição, revelam preferência pelos passeios com andamento livre, enquanto a maioria dos homens prefere as maratonas com competição.

A idade dos inquiridos também influencia a preferência pelos diferentes eventos, na medida em que, os inquiridos mais jovens preferem as maratonas com competição, enquanto os inquiridos na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos preferem os passeios com andamento livre, mais potenciadores de momentos de lazer, convívio e onde a exigência física poderá ser menor.

Conforme se pode ver no quadro 3.18, de um modo geral, a maioria dos inquiridos nas várias classes sociais revela preferência pelos eventos organizados, embora dentro destes, façam opções diferentes. Os trabalhadores independentes preferem os passeios com andamento livre, enquanto as restantes classes sociais optam pelas maratonas com competição. Embora a preferência da maioria dos inquiridos recaia sobre as maratonas com competição, importa destacar que esta preferência é acima da média nos empresários, dirigentes e profissionais liberais, operários e assalariados agrícolas e estudantes. É de referir também, que os empresários, dirigentes e profissionais liberais e profissionais técnicos e de enquadramento demonstram uma preferência acima da média, pelos passeios com amigos, demarcando-se assim em parte, da participação em eventos organizados e dos ajuntamentos de participantes que acontecem nestes eventos.

Quadro 3.18 Formas de praticar Btt nas classes sociais

Classe social	Passeios					Total
	Maratonas com competição	com andamento livre	Passeios guiados	Treinos	Passeios com amigos	
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	12 46,2%	7 26,9%	0 ,0%	0 ,0%	7 26,9%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	40 36,7%	28 25,7%	2 1,8%	2 1,8%	37 33,9%	109 100%
Trabalhadores independentes	2 33,3%	4 66,7%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	6 100%
Empregados executantes	37 35,2%	36 34,3%	8 7,6%	1 1,0%	23 21,9%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	15 42,9%	10 28,6%	4 11,4%	1 2,9%	5 14,3%	35 100%
Estudantes	10 41,7%	9 37,5%	2 8,3%	0 ,0%	3 12,5%	24 100%
Total	116 38,0%	94 30,8%	16 5,2%	4 1,3%	75 24,6%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Desta forma, parece confirmar-se a hipótese de que as classes sociais têm formas diferentes de praticar Btt, não só porque é possível identificar algumas diferenças na escolha da companhia preferida para praticar este desporto, como também se confirma que não o fazem com a mesma regularidade, praticam Btt em locais diferentes, também as escolhas dos eventos em que participam não são as mesmas, e os investimentos em bicicletas, acessórios e equipamento diferem nas várias classes sociais.

Para além do Btt importa saber outros desportos que os inquiridos praticam ou praticaram e desta forma perceber que modalidades desportivas poderão estar associadas à prática do Btt.

O futebol, ciclismo, caça e pesca, ginástica e ginásio, apresentam-se como sendo os desportos que os inquiridos mais praticam ou praticaram com alguma regularidade, conforme consta no quadro 3.19. O futebol explica-se naturalmente pela universalidade e facilidade de acesso a esta modalidade. O ciclismo está logicamente associado à prática do Btt, não apenas pela utilização da bicicleta, mas também como modalidade de treino. A prática da caça e pesca, particularmente a caça, poderá estar associada a valores culturais com forte presença na população do Alentejo, valores estes que parecem estar a perder importância conforme adiante se poderá confirmar.

As mulheres inquiridas estão mais associadas à prática de desportos de salão como a ginástica, ginásio, patinagem e natação, enquanto os homens estão mais associados aos desportos praticados ao ar livre como o futebol, ciclismo, caça e pesca. Persiste assim uma diferenciação sexista associada aos valores culturais, na preferência das modalidades desportivas, na medida em que as mulheres praticam modalidades menos viris e mais adequadas aos ideais dominantes de feminidade e os homens modalidades onde prevalece a supremacia física como ideal dominante de masculinidade.

Na faixa etária até 29 anos, os desportos mais praticados pelos inquiridos são o futebol, ciclismo, ginástica e ginásio; nas faixas etárias dos 30 aos 44 anos e mais de 45 anos, para além do futebol e ciclismo é a prática da caça e pesca que assume maior relevância. Parece assim verificar-se o abandono da prática da caça e pesca pelas gerações mais novas, revelando relativamente às gerações mais velhas diferentes apetências desportivas associáveis a valores culturais distintos e a novas modalidades de afirmação social através das práticas desportivas.

Em todas as classes sociais o futebol e o ciclismo são as modalidades mais praticadas. Ainda assim, é interessante verificar que as classes sociais dominantes e a pequena burguesia mais favorecida, nomeadamente, os empresários, dirigentes e profissionais e

os profissionais técnicos e de enquadramento, aos quais se associam com o mesmo comportamento os estudantes, são aqueles que relativamente às restantes classes sociais, revelam uma prática acima da média em modalidades como o rugby, ténis, equitação ou golfe, modalidades estas aparentemente menos acessíveis e mais associadas a uma elite de praticantes supostamente mais dotados de capital cultural, económico e social. Curiosamente, estas mesmas classes sociais revelam uma prática abaixo da média em modalidades como o futebol e ciclismo, manifestando assim um determinado distanciamento relativamente aos desportos mais comuns entre os inquiridos.

Quadro 3.19 Modalidades desportivas praticadas

	Fi	%
Futebol, futebol salão	174	17,4
Andebol, voleibol, basquetebol	49	4,9
Rugby	12	1,2
Ténis	50	5
Motocrosse, motociclismo, karting	38	3,8
Montanhismo	16	1,6
Caça, pesca	90	9
Caminhada, orientação	59	5,9
Natação, mergulho	73	7,3
Canoagem, remo, kayak	24	2,4
Surf, bodyboard, vela	12	1,2
Ginástica, ginásio	78	7,8
Patinagem	17	1,7
Xadrez	13	1,3
Boxe, karaté, judo	24	2,4
Taekwondo, capoeira	4	0,4
Pára-quedismo, balonismo, asa delta, parapente	18	1,8
Slide, escalada, rapel	24	2,4
Ciclismo	128	12,8
Triatlo	8	0,8
Equitação, hipismo	24	2,4
Golfe	5	0,5
Outro	60	6

N-305

Fonte: Própria

À semelhança das constatações de Bourdieu relativamente à sociedade francesa, também aqui parece existir uma capacidade distintiva nas práticas desportivas, uma vez que as classes sociais com níveis mais elevados de capital económico cultural e social, parecem encontrar maior distinção nas modalidades de acesso mais difícil.

Globalmente verifica-se uma tendência dos inquiridos para a prática de modalidades desportivas que se realizem ao ar livre, porventura associadas ao gosto pela natureza e a preocupações ecológicas.

A prática do Btt pode estar associada a vários objectivos e motivações. O contacto com a natureza, o convívio, a participação em maratonas, a melhoria da performance física, entre outros, são motivações que estão por trás da prática desta modalidade.

No geral, conforme se pode ver no quadro 3.20, o contacto com a natureza, o gosto por desportos ao ar livre e o prazer em andar de bicicleta, são as principais motivações reveladas pelos inquiridos. A estas, seguem-se a prática do Btt com o objectivo de aliviar o *stress* e ocupar o tempo livre, o convívio com os outros praticantes, a melhoria da performance física e a prevenção de riscos de doença. Com menos peso, surgem a competição e participação em maratonas, a perda de peso, a prática de Btt como desporto familiar ou por ser uma modalidade que está na moda.

Quadro 3.20 Motivações na prática do Btt

	Fi	%
Competir e participar em maratonas btt	71	5,8%
Melhorar a performance física	117	9,5%
Aliviar o stress e ocupar o tempo livre	168	13,6%
Desporto que está na moda	14	1,1%
Os amigos também praticam	17	1,4%
Prevenir riscos de doença	72	5,8%
Desporto para a família	19	1,5%
Convívio com os outros praticantes	126	10,2%
Contacto com a natureza	202	16,4%
Emagrecer	30	2,4%
Prazer de andar de bicicleta	201	16,3%
Desportos ao ar livre	195	15,8%

N-305

Fonte: Própria

Em termos da variável sexo, verifica-se que embora o contacto com a natureza e o gosto por desportos ao ar livre sejam das principais motivações em ambos os sexos, as mulheres valorizam mais o Btt por este aliviar o *stress* e ocupar o tempo livre; os homens pelo prazer em andar de bicicleta. Verifica-se ainda maior cuidado das mulheres com o corpo, na medida em que, contrariamente aos homens, mais de metade das mulheres inquiridas concorda que praticam Btt com o objectivo de emagrecer. A competição e participação em maratonas são motivações que acolhem concordância pela maioria dos homens, mas não despertam interesse para mais de três quartos das mulheres.

As classes sociais hierarquizam de forma diferente estas motivações. Os empresários, dirigentes e profissionais liberais valorizam o Btt por este aliviar o *stress* e ocupar o tempo livre, seguidamente pela melhoria da performance física, pelo contacto com a natureza, e pelo prazer em andar de bicicleta. Os profissionais técnicos e de enquadramento privilegiam o contacto com a natureza, seguido pelo gosto por desportos ao ar livre e pelo prazer em andar de bicicleta. Os trabalhadores independentes praticam Btt pelo prazer em andar de bicicleta, seguidamente pelo contacto com a natureza e pelo gosto de desportos ao ar livre. Para os empregados executantes, o contacto com a natureza, seguido do gosto por desportos ao ar livre e do prazer em andar de bicicleta, são as principais motivações que encontram na prática do Btt. Os operários e assalariados agrícolas valorizam mais o gosto por desportos ao ar livre, seguidamente o contacto com a natureza e o prazer em andar de bicicleta. Para os estudantes o contacto com a natureza, o prazer em andar de bicicleta e o gosto de desportos ao livre, lideram as principais motivações na prática desta modalidade.

O espaço físico em que se desenvolve o Btt, revela-se assim como principal factor de motivação na prática desta modalidade.

O facto do Btt se afirmar actualmente como um desporto que está na moda, não serve de motivação para a maioria dos inquiridos, dado que não acolhe concordância em todas as classes sociais, no entanto, existe ainda uma percentagem significativa de inquiridos nos trabalhadores independentes e estudantes, que valorizam esta questão. Quando questionados se praticam Btt por este ser um desporto para a família, a maioria dos inquiridos em todas as classes sociais revela pouca concordância com esta motivação, ainda assim, mais de metade dos trabalhadores independentes e 38,5% dos empresários, dirigentes e profissionais liberais concordam com a questão ou seja, a prática desportiva em família parece estar mais presente nos inquiridos pertencentes a estas classes sociais. Emagrecer não é a principal motivação na prática do btt, no entanto, apesar da maioria dos inquiridos em todas as classes sociais discordar ou

apenas concordar parcialmente com esta motivação, verifica-se que perto de metade dos empresários, dirigentes e profissionais liberais, operários e assalariados agrícolas e estudantes admitem praticar Btt para emagrecer. A prevenção de riscos de doença, apesar de acolher concordância da maioria dos inquiridos em todas as classes sociais, não é das principais motivações na prática do Btt, ainda assim, assume particular importância para os empresários, dirigentes e profissionais liberais e estudantes.

No sentido de avaliar algumas representações dos inquiridos acerca do Btt, pediu-se que numa escala crescente de concordância de 1 a 5, indicassem o grau de concordância relativamente às seguintes questões: se o Btt é um desporto que confere prestígio junto dos outros; se é um desporto acessível a todos; e se é um desporto relativamente caro.

A maioria das respostas em todas as questões centrou-se na opção três, ou seja, um grau de concordância intermédio. Se na análise do conjunto das respostas não se verifica uma tendência clarificada nas opiniões dos inquiridos, quando analisamos em termos de classes sociais a realidade é bem diferente.

Relativamente à representação do prestígio que a prática do Btt possa conferir junto dos outros, em todas as classes sociais se verifica uma tendência de discórdia em relação a esta questão. No entanto, nos empresários, dirigentes e profissionais liberais e trabalhadores independentes esta tendência é menos acentuada, significando assim que apesar da generalidade dos inquiridos não sentir que a prática do Btt lhe confere prestígio, uma parte significativa dos empresários, dirigentes e profissionais liberais e trabalhadores independentes admitem usufruir de algum prestígio conferido pela prática do Btt, conforme se pode ver no quadro 3.21.

Quando lhes é perguntado se o Btt é um desporto acessível a todos, as respostas a esta representação do Btt diferem entre as classes sociais. A maioria dos trabalhadores independentes e operários e assalariados agrícolas revela pouca concordância com esta questão, ou seja, crêem que o Btt não é um desporto acessível a todos, enquanto nas restantes classes sociais a maioria dos inquiridos concorda que o Btt é um desporto acessível a todos, sendo esta concordância mais acentuada nos estudantes e nos profissionais técnicos e de enquadramento, conforme consta no quadro 3.22.

Quanto à representação sobre o custo que a prática deste desporto pode acatar, verifica-se que em todas as classes sociais a maioria dos inquiridos admite que o Btt é um desporto relativamente caro, principalmente nos empresários, dirigentes e profissionais liberais, trabalhadores independentes e estudantes, conforme se pode ver no quadro 3.23.

Curiosamente, não se verifica qualquer relação entre a variável investimento em bicicletas e a representação que os praticantes têm acerca dos custos e acessibilidade das pessoas a este desporto, na medida em que, nos vários escalões de investimento a opinião dos praticantes acerca da acessibilidade e custo do Btt não se altera significativamente.

Em síntese, para a maioria dos inquiridos, o Btt é um desporto que não confere prestígio junto dos outros e apesar de ser acessível a todos é um desporto relativamente caro. Esta “imagem social” sobre o Btt embora seja aceite pela maioria dos inquiridos, não representa todas as classes sociais. Para a maioria dos trabalhadores independentes e operários e assalariados agrícolas o Btt apresenta-se como um desporto que não confere prestígio junto dos outros, que não é acessível a todos, e é um desporto relativamente caro. Para a maioria dos estudantes, o Btt apresenta-se como um desporto que confere prestígio junto dos outros, é acessível a todos, mas é um desporto relativamente caro.

Quadro 3.21 Representação relativa ao prestígio conferido pelo Btt

Classe social	1	2	3	4	5	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	3 11,5%	4 15,4%	15 57,7%	1 3,8%	3 11,5%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	20 18,3%	22 20,2%	37 33,9%	18 16,5%	12 11,0%	109 100%
Trabalhadores independentes	2 33,3%	0 ,0%	3 50,0%	1 16,7%	0 ,0%	6 100%
Empregados executantes	14 13,3%	26 24,8%	38 36,2%	19 18,1%	8 7,6%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	3 8,6%	10 28,6%	12 34,3%	6 17,1%	4 11,4%	35 100%
Estudantes	1 4,2%	5 20,8%	10 41,7%	5 20,8%	3 12,5%	24 100%
Total	43 14,1%	67 22,0%	115 37,7%	50 16,4%	30 9,8%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.22 Representação relativa ao acesso à modalidade

Classe social	1	2	3	4	5	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	2 7,7%	4 15,4%	13 50,0%	4 15,4%	3 11,5%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	9 8,3%	17 15,6%	45 41,3%	24 22,0%	14 12,8%	109 100%
Trabalhadores independentes	0 ,0%	4 66,7%	0 ,0%	1 16,7%	1 16,7%	6 100%
Empregados executantes	5 4,8%	22 21,0%	43 41,0%	13 12,4%	22 21,0%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	6 17,1%	9 25,7%	12 34,3%	2 5,7%	6 17,1%	35 100%
Estudantes	0 ,0%	2 8,3%	9 37,5%	7 29,2%	6 25,0%	24 100%
Total	22 7,2%	58 19,0%	122 40,0%	51 16,7%	52 17,0%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.23 Representação relativa ao custo financeiro do Btt

Classe social	1	2	3	4	5	Total
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	0 ,0%	3 11,5%	10 38,5%	9 34,6%	4 15,4%	26 100%
Profissionais técnicos e de enquadramento	6 5,5%	21 19,3%	46 42,2%	29 26,6%	7 6,4%	109 100%
Trabalhadores independentes	0 ,0%	1 16,7%	2 33,3%	1 16,7%	2 33,3%	6 100%
Empregados executantes	7 6,7%	22 21,0%	39 37,1%	28 26,7%	9 8,6%	105 100%
Operários e assalariados agrícolas	2 5,7%	9 25,7%	9 25,7%	9 25,7%	6 17,1%	35 100%
Estudantes	2 8,3%	3 12,5%	7 29,2%	6 25,0%	6 25,0%	24 100%
Total	17 5,6%	59 19,3%	113 37,0%	82 26,9%	34 11,1%	305 100%

N-305

Fonte: Própria

Para além das motivações que estão por trás da prática deste desporto, também lhe estão associados determinados valores, entre outros, o divertimento, lazer, convívio, saúde, competição, ocupação de tempos livres, aparência física ou imagem.

Conforme consta no quadro 3.24, para a maioria dos inquiridos os valores que mais consideram na modalidade são: a saúde, o divertimento, o convívio, o lazer e a ocupação dos tempos livres. Em contrapartida, os valores menos importantes são a aparência física, a competição e a imagem, indo desta forma ao encontro das constatações de Mota et Sallis, quando referem que é o bem-estar e o divertimento, mais que a aptidão física ou factores estéticos que condicionam a prática desportiva.

Nos homens, ao divertimento segue-se a saúde e o convívio como valores mais privilegiados pelos inquiridos; com menos importância surgem a aparência e a imagem. Às mulheres importa mais a saúde, e só depois o convívio e divertimento, menos importantes para as mulheres são os valores da competição e imagem.

Na faixa etária até aos vinte e nove anos o valor mais importante é o convívio, e menos importante a imagem. Na faixa etária dos trinta aos quarenta e quatro anos, o divertimento é mais valorizado, contrariamente, a aparência é menos importante. Finalmente, na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos é a saúde que ocupa o valor mais importante, e a imagem o valor menos importante.

Quadro 3.24 Valores associados ao Btt

	Fi	%
Aparência física	22	2,6
Saúde	189	22,4
Convívio	165	19,5
Competição	38	4,5
Imagem	20	2,4
Lazer	119	14,1
Divertimento	177	21,0
Ocupação de tempos livres	114	13,5

N-305

Fonte: Própria

Apesar das várias classes sociais, de um modo geral, atribuírem importância semelhante aos vários valores, a verdade é que persistem algumas diferenças, ou seja, embora exista um conjunto de valores globalmente partilhados, parecem não ter a mesma capacidade de gerar apetências idênticas nos praticantes das várias classes sociais.

Os empresários, dirigentes e profissionais liberais privilegiam a saúde, o divertimento, o convívio, o lazer e ocupação de tempos livres, em contrapartida, são indiferentes ou atribuem pouca ou nenhuma importância à competição, imagem e aparência física. Os profissionais técnicos e de enquadramento dão mais importância ao divertimento e ao convívio, só depois surge a saúde, lazer e ocupação de tempos livres e com pouco significado os restantes valores. Para os trabalhadores independentes os valores mais importantes são o divertimento, lazer e convívio, só depois surge a saúde e demais valores. Os empregados executantes encontram na saúde o principal valor seguindo-se o divertimento, convívio, lazer e restantes valores. Para os operários e assalariados agrícolas o divertimento é o valor mais importante, seguido da saúde, ocupação de tempos livres, convívio. Aos estudantes importa mais a saúde, surgindo depois o convívio, divertimento, lazer e ocupação de tempos livres.

Verifica-se que a saúde é o valor mais importante para empresários, dirigentes e profissionais liberais, empregados executantes e estudantes, sendo superado nas restantes classes sociais pelo divertimento e convívio. Também importa referir que os operários e assalariados agrícolas valorizam mais a ocupação de tempos livres que as restantes classes sociais. A competição embora se revele dos valores menos importantes para os inquiridos, importa salientar que mais de um terço dos operários e assalariados agrícolas, estudantes e empresários, dirigentes e profissionais liberais valorizam esta questão. Não deixa de ser curioso o facto de a competição surgir como um dos valores menos importantes para os inquiridos, e simultaneamente, a forma preferida na prática do Btt ser as maratonas com competição. Este facto, embora possa parecer uma contradição, encontra uma explicação na forma como os inquiridos vivenciam a participação em maratonas com competição. Este tipo de eventos, apesar de ter uma vertente competitiva com contagem de tempos, é simultaneamente um encontro de praticantes que proporciona o convívio, lazer, divertimento e outros valores que parecem superar o valor da competição.

Apesar destes valores estarem presentes na prática do Btt, não são exclusivos desta modalidade. Desta forma, foi importante saber pormenorizadamente o que mais pesou na escolha do Btt em detrimento de outras modalidades. Questionados sobre os motivos que levaram estes inquiridos a escolher o Btt e não outra modalidade, estes apontam o

contacto com a natureza (30,1%), o gosto em andar de bicicleta (29,3%) e o respeito pelo ambiente (17,8%) como principais motivações, conforme se pode ver no quadro 3.25.

Quadro 3.25 Motivações na escolha da modalidade

	Fi	%
Pelo contacto com a natureza	278	30,1
Pelo esforço físico que a modalidade exige	153	16,5
Porque gosto de andar de bicicleta	271	29,3
Porque o btt é um desporto que está na moda	6	0,6
Porque o btt é um desporto radical	47	5,1
Porque o btt é um desporto que respeita o ambiente	165	17,8
Porque o btt é um desporto acessível a todos	5	0,5

N-305

Fonte: Própria

Estas motivações na escolha do Btt enquanto desporto assumem diferentes pesos nas várias classes sociais. Os empresários, dirigentes e profissionais liberais, justificam a sua escolha pelo contacto com a natureza, seguido pelo gosto em andar de bicicleta e respeito pelo ambiente; os profissionais técnicos e de enquadramento, trabalhadores independentes e estudantes além do contacto com a natureza, e gosto em andar de bicicleta segue-se o esforço físico que a modalidade exige; nos empregados executantes e operários e assalariados agrícolas surge como principal motivação o gosto em andar de bicicleta, seguido pelo contacto com a natureza e respeito pelo ambiente.

No sentido de avaliar valores, considerando a tipologia proposta por Ronald Inglehart, os três objectivos genéricos mais importantes sobre a sociedade portuguesa escolhidos pelos inquiridos são: garantir e promover a liberdade de pensamento e expressão, promover a participação das pessoas na cultura e na vida da comunidade e promover o crescimento económico. Dois valores do tipo pós materialista e um valor tipo materialista, conforme se pode ver no quadro 3.26. Verifica-se assim, uma tendência para os chamados valores pós materialistas, o que pressupõe com base na teoria desenvolvida por Inglehart, reportando-se aquela época e respectivo contexto social, que a socialização da grande maioria destes indivíduos poderá estar associada a ambientes de paz, segurança e relativa abundância de bens materiais.

Quadro 3.26 Objectivos genéricos relativos à sociedade Portuguesa

	Fi	%
Garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão	197	22,6
Promover o respeito pela lei e manter a ordem no país	155	17,8
Promover a participação dos cidadãos na vida e nas decisões políticas	140	16,0
Promover a moralização dos costumes	39	4,5
Promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade	174	19,9
Promover o crescimento económico	168	19,2

N-305

Fonte: Própria

Esta tendência para os valores pós materialistas não se verifica em todas as classes sociais, as opções relativas a estes objectivos genéricos não são totalmente unânimes, conforme se pode constatar no quadro 3.27. Para os empresários, dirigentes e profissionais liberais importa principalmente, garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão, promover o crescimento económico e promover o respeito pela lei e garantir a ordem no país (dois valores tipo materialistas e um valor tipo pós materialista). Os profissionais técnicos e de enquadramento preferem garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão, promover a participação dos cidadãos na vida e nas decisões políticas e promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade (três valores tipo pós materialistas). Para os trabalhadores independentes importa promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade, promover o respeito pela lei e garantir a ordem no país e promover o crescimento económico (dois valores tipo materialistas e um valor tipo pós materialista). Aos empregados executantes interessa promover o respeito pela lei e garantir a ordem no país, promover o crescimento económico e promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade (dois valores tipo materialistas e um valor tipo pós materialista). No caso dos operários e assalariados agrícolas, preferem promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade, garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão e promover o crescimento económico (dois valores tipo pós materialistas e um valor tipo materialista). Aos estudantes interessa garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão, promover o respeito pela lei e garantir a ordem no país e promover a participação dos cidadãos na vida e nas decisões políticas (dois valores tipo pós materialistas e um valor tipo materialista).

Verifica-se assim uma supremacia dos chamados valores tipo pós materialistas nos profissionais técnicos e de enquadramento, operários e assalariados agrícolas e estudantes e uma supremacia dos valores chamados materialistas nos empresários, dirigentes e profissionais liberais, trabalhadores independentes e empregados executantes.

Quadro 3.27 Objectivos genéricos das classes sociais relativos à sociedade Portuguesa

Classe social	Garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão	Promover o respeito pela lei e manter a ordem nos pais	Promover a participação dos cidadãos na vida e nas decisões políticas	Promover a moralização dos costumes	Promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade	Promover o crescimento económico	Total
EDL	20 76,9%	15 57,7%	13 50,0%	2 7,7%	13 50,0%	16 61,5%	26
PTE	77 70,6%	47 43,1%	61 56,0%	9 8,3%	58 53,2%	57 52,3%	109
TI	2 33,3%	4 66,7%	2 33,3%	2 33,3%	5 83,3%	3 50,0%	6
EE	57 54,3%	64 61,0%	35 33,3%	20 19,0%	61 58,1%	62 59,0%	105
OAA	24 68,6%	13 37,1%	17 48,6%	4 11,4%	25 71,4%	19 54,3%	35
Estudantes	17 70,8%	12 50,0%	12 50,0%	2 8,3%	12 50,0%	11 45,8%	24
Total	197	155	140	39	174	168	305

N-305

Fonte: Própria

Embora esta prevalência para os chamados valores pós materialistas se mantenha em termos de sexo dos inquiridos, verifica-se que é mais acentuada nas mulheres, uma vez que a maioria destas escolheu três valores de tipo pós materialista, enquanto nos homens a opção foi por dois valores tipo pós materialista e um valor tipo materialista.

Na análise em termos de idade dos inquiridos verifica-se na faixa etária até vinte e nove anos, a escolha de três valores de tipo pós materialista; na faixa etária dos trinta aos quarenta e quatro anos a opção por dois valores tipo pós materialista e um valor tipo materialista; e na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos a escolha de dois valores tipo materialista e um valor tipo pós materialista. À medida que aumenta a idade

diminui a opção por valores do tipo pós materialista e conseqüentemente aumenta a opção por valores do tipo materialista.

Em termos do nível de escolaridade verifica-se que os inquiridos com o 9º ano, escolheram dois valores de tipo materialista e um valor do tipo pós materialista; os inquiridos com o 12º ano escolheram dois valores tipo pós materialista e um valor tipo materialista; e os inquiridos com o ensino superior escolheram três valores do tipo pós materialista. À medida que aumenta o nível de escolaridade diminui a opção por valores do tipo materialista e conseqüentemente aumenta a opção por valores do tipo pós materialista.

Tal como propõe Inglehart, esta alteração de valores poderá resultar da substituição de gerações, associadas a diferentes dinâmicas de socialização assentes em ambientes de paz e crescimento económico.

3.5 ORIENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de orientações sociais remete para duas dimensões, a orientação da acção e a orientação relativa à desigualdade social. Com base em duas questões utilizadas por Casanova (2004), pretende-se distinguir, por um lado, orientações de conformidade e inconformidade relativamente à desigualdade social e por outro lado, orientações pró-activas e não pró-activas relativamente à acção.

Com as duas primeiras afirmações, pretende-se uma reacção dos inquiridos à desigualdade social. Parte-se do princípio que a igualdade em geral é tida como factor de integração social, o que leva a crer que a orientação relativa à desigualdade possa reflectir incertezas nessa integração. Com as duas últimas afirmações, pretende-se diferenciar a orientação da acção, partindo esta, em orientações pró-activas e orientações não pró-activas

As orientações de inconformidade com a desigualdade social, “é certo que existirão sempre desigualdades sociais, mas é sempre possível diminuir as desigualdades sociais entre as pessoas” serão designadas de “igualitárias”. As orientações de conformidade, “é certo que existirão sempre desigualdades sociais, porque elas são inevitáveis” serão designadas de “não igualitárias”.

A orientação fundamentada numa avaliação positiva da consequência social da acção dirigida por objectivos, “a nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objectivos na vida e de nos esforçarmos por os atingir” será designada de “pró-activa”. A

descrença na consequência social da acção dirigida por objectivos, “por mais que façamos, a nossa posição na sociedade depende sobretudo de coisas que não controlamos”, será designada de “não pró-activa”.

No que diz respeito à orientação relativa à desigualdade social, conforme se pode ver no quadro 3.28, verifica-se que 82,6% dos inquiridos se pautam por uma orientação igualitária, e 17,4 % por uma orientação não igualitária, o que demonstra a prevalência dos igualitários, significando assim, que na maioria dos inquiridos existe um sentimento de inconformidade relativamente às desigualdades sociais, o qual se pode entender como indicador de integração social.

Quadro 3.28 Orientação relativa à desigualdade social

	Fi	%
Igualitários	252	82,6
Não igualitários	53	17,4

N-305

Fonte: Própria

Embora não se verifiquem alterações significativas nas orientações relativas à desigualdade nas variáveis sexo, idade, nível de escolaridade, região de residência e classe social, importa sublinhar alguns aspectos que parecem importar.

Conforme se pode ver nos quadros 3.29 e 3.30, o sexo parece não influenciar as orientações relativas à desigualdade, já relativamente à idade constata-se que os igualitários estão em maioria em todas as faixas etárias. Contudo, à medida que avança idade aumenta a percentagem de igualitários e diminui a percentagem de não igualitários, o que significa, que o sentimento de inconformidade relativamente às desigualdades sociais, sinónimo de integração social, aumenta com a idade.

Quadro 3.29 Sexo e orientação relativa à desigualdade social

Sexo		Orientação relativa à desigualdade	
		Igualitária	Não igualitária
Masculino	Fi	228	48
	%	82,6	17,4
Feminino	Fi	24	5
	%	82,8	17,2

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.30 Idade e orientação relativa à desigualdade social

Idade		Orientação relativa à desigualdade	
		Igualitária	Não igualitária
Até 29	Fi	60	15
	%	80,0	20,0
De 30 a 44	Fi	146	30
	%	83,0	17,0
Mais de 45	Fi	46	8
	%	85,2	14,8

N-305

Fonte: Própria

Relativamente ao nível de escolaridade, como se pode ver no quadro 3.31, verifica-se uma maior percentagem de igualitários nos inquiridos que frequentaram o ensino até ao 12º ano, seguidos dos que frequentaram o ensino superior e só depois surgem os inquiridos com o 9º ano de escolaridade, revelando assim uma certa influência do ensino na orientação relativa à desigualdade, uma vez que se verifica nos inquiridos mais instruídos (12º ano e ensino superior) um sentimento de inconformidade perante a desigualdade social mais expressivo.

Quadro 3.31 Nível de escolaridade e orientação relativa à desigualdade social

Nível de escolaridade		Orientação relativa à desigualdade	
		Igualitária	Não igualitária
9º Ano	Fi	34	11
	%	75,6	24,4
12º Ano	Fi	112	17
	%	86,8	13,2
Ensino superior	Fi	106	25
	%	80,9	19,1

N-305

Fonte: Própria

No que concerne às regiões de residência, embora os igualitários prevaleçam em todas as regiões, verifica-se que no Baixo Alentejo existe maior percentagem de igualitários, e no Alentejo Litoral maior percentagem de não igualitários, indiciando desta forma mais conformidade perante a desigualdade social, logo, mais incertezas na integração social por parte dos inquiridos residentes no Alentejo Litoral, conforme consta no quadro 3.32.

Quadro 3.32 Região de residência e orientação relativa à desigualdade social

Região de residência		Orientação relativa à desigualdade	
		Igualitária	Não igualitária
Baixo Alentejo	Fi	77	12
	%	86,5	13,5
Alentejo Central	Fi	74	17
	%	81,3	18,7
Alto Alentejo	Fi	64	15
	%	81,0	19,0
Alentejo Litoral	Fi	37	9
	%	80,4	19,6

N-305

Fonte: Própria

Na análise às diferentes classes sociais conforme demonstra o quadro 3.33, constata-se que apesar da prevalência dos igualitários em todas as classes sociais, esta percentagem é superior nos trabalhadores independentes e nos empregados executantes, ou seja, nestas classes sociais o sentimento de inconformidade perante as desigualdades sociais é mais expressivo do que nas restantes classes. Os não igualitários estão em maior percentagem nos operários e assalariados agrícolas e nos empresários, dirigentes e profissionais liberais, o que significa que nestas classes sociais o sentimento de conformidade perante as desigualdades sociais é mais significativo.

Quadro 3.33 Classe social e orientação relativa à desigualdade social

Classe Social		Orientação relativa à desigualdade	
		Igualitária	Não igualitária
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Fi	21	5
	%	80,8	19,2
Profissionais técnicos e de enquadramento	Fi	89	20
	%	81,7	18,3
Trabalhadores independentes	Fi	6	0
	%	100,0	,0
Empregados executantes	Fi	88	17
	%	83,8	16,2
Operários e assalariados agrícolas	Fi	28	7
	%	80,0	20,0
Estudantes	Fi	20	4
	%	83,3	16,7

N-305

Fonte: Própria

Em síntese, na orientação relativa à desigualdade social predomina a orientação igualitária, ou seja, predomina um sentimento de inconformidade relativamente às desigualdades sociais que é tido como sinónimo de integração social. Esta orientação surge com maior expressão nos inquiridos na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos, naqueles que frequentaram o ensino até ao 12º ano, nos residentes no Baixo Alentejo, e na pequena burguesia, nomeadamente, nos trabalhadores independentes e empregados executantes.

Na avaliação realizada à orientação da acção, conforme se pode ver no quadro 3.34, verifica-se que 88,2% dos inquiridos se pautam por uma orientação pró-activa, e 11,8 % por uma orientação não pró-activa, o que demonstra a prevalência dos pró-activos, significando assim, que a maioria dos inquiridos se pauta por uma orientação fundamentada numa avaliação positiva da consequência social da acção dirigida por objectivos, ou seja, por orientações racionais.

Quadro 3.34 Orientação da acção

	Fi	%
Pró-activos	269	88,2
Não pró-activos	36	11,8

N-305

Fonte: Própria

Embora não se verifiquem variações significativas nas orientações da acção nas variáveis sexo, idade, nível de escolaridade, região de residência e classe social, uma vez que a proporção de pró-activos é em todas as variáveis superior à de não pró-activos, importa frisar algumas diferenças no peso da pró-actividade social.

O sexo não introduz diferenciação significativa na orientação da acção, apesar de a pro-actividade ser mais evidente nos homens do que nas mulheres, tal como se pode comprovar no quadro 3.35.

Relativamente à idade embora se verifique uma orientação pró-activa em todos os escalões etários, a maioria dos pró-activos estão na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos e a maioria dos não pró-activos encontram-se na faixa etária dos trinta aos quarenta e quatro anos, conforme consta no quadro 3.36.

Quadro 3.35 Sexo e orientação da acção

Sexo		Orientação da acção	
		Pró-activa	Não pró-activa
Masculino	Fi	244	32
	%	88,4	11,6
Feminino	Fi	25	4
	%	86,2	13,8

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.36 Idade e orientação da acção

Idade		Orientação da acção	
		Pró-activa	Não pró-activa
Até 29	Fi	67	8
	%	89,3	10,7
De 30 a 44	Fi	153	23
	%	86,9	13,1
Mais de 45	Fi	49	5
	%	90,7	9,7

N-305

Fonte: Própria

Relativamente à região de residência, os pró-activos predominam em todas as regiões, com maior significado nos inquiridos residentes no Alentejo Central, contrariamente, a orientação não pró-activa verifica-se com mais incidência nos residentes no Alentejo Litoral, como se pode ver no quadro 3.37.

Quadro 3.37 Região de residência e orientação da acção

Região de residência		Orientação da acção	
		Pró-activa	Não pró-activa
Baixo Alentejo	Fi	78	10
	%	88,8	11,2
Alentejo Central	Fi	81	10
	%	89,0	11,0
Alto Alentejo	Fi	69	10
	%	87,3	12,7
Alentejo Litoral	Fi	40	6
	%	87,0	13,0

N-305

Fonte: Própria

Relativamente ao nível de escolaridade, constata-se que quanto mais alto é o nível de escolaridade dos inquiridos maior a sua pro-actividade social, estando assim a não pró-actividade associada a níveis de escolaridade mais baixos, conforme se pode ver no quadro 3.38.

Na análise às diferentes classes sociais verifica-se que as classes com maior peso de pró-activos são as classes sociais dominantes, sendo de 100% nos empresários, dirigentes e profissionais liberais. No sentido inverso, as classes sociais com maior peso de não pró-activos são as classes sociais populares, nomeadamente, os operários e assalariados agrícolas, conforme se pode ver no quadro 3.39.

Em síntese, na orientação relativa à acção predomina a orientação pró-activa, indiciando assim, que a maioria dos inquiridos se pauta por uma orientação fundamentada numa avaliação positiva da consequência social da acção dirigida por objectivos, ou seja, por orientações racionais. Esta pró-actividade verifica-se com maior expressão nos inquiridos na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos, naqueles que frequentaram o ensino superior, nos que residem no Alentejo Central, e nos empresários, dirigentes e profissionais liberais e profissionais técnicos e de enquadramento, ou seja, nas classes sociais dominantes e na pequena burguesia mais favorecida.

Quadro 3.38 Nível de escolaridade e orientação da acção

Nível de escolaridade		Orientação da acção	
		Pró-activa	Não pró-activa
9º Ano	Fi	30	15
	%	66,7	33,3
12º Ano	Fi	117	12
	%	90,7	9,3
Ensino superior	Fi	122	9
	%	93,1	6,9

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.39 Classe social e orientação da acção

Classe Social		Orientação da acção	
		Pró-activa	Não pró-activa
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Fi	26	0
	%	100,0	,0
Profissionais técnicos e de enquadramento	Fi	100	9
	%	91,7	8,3
Trabalhadores independentes	Fi	5	1
	%	83,3	16,7
Empregados executantes	Fi	91	14
	%	86,7	13,3
Operários e assalariados agrícolas	Fi	27	8
	%	77,1	22,9
Estudantes	Fi	20	4
	%	83,3	16,7

N-305

Fonte: Própria

Através dos indicadores da orientação relativa à desigualdade social e da orientação da acção surge o índice de orientação social, representado pelos igualitários pró-activos, igualitários não pró-activos, não igualitários pró-activos e não igualitários e não pró-activos.

Neste contexto, relativamente à orientação social, surgem com maior peso os igualitários pró-activos, com 74,4% dos inquiridos; seguem-se os não igualitários pró-activos com 13,8% dos inquiridos; os igualitários não pró-activos com 8,5% dos inquiridos; e finalmente apenas 3,3% são não igualitários e não pró-activos conforme se pode ver no quadro 3.40.

Quadro 3.40 Orientação social

	Fi	%
Igualitária pró-activa	227	74,4
Não igualitária pró-activa	26	8,5
Igualitária não pró-activa	42	13,8
Não igualitária e não pró-activa	10	3,3

N-305

Fonte: Própria

Na variável sexo prevalecem os igualitários pró-activos tanto nos homens como nas mulheres, embora esta orientação seja mais expressiva nos homens, conforme consta no quadro 3.41. Destacam-se ainda ligeiramente em ambos os sexos os não igualitários pró-activos. Relativamente à idade, como se pode ver no quadro 3.42, predominam em todas as faixas etárias os igualitários pró-activos, todavia, esta orientação social varia proporcionalmente de forma directa com a idade. Sobressaem também os não igualitários pró-activos, onde se verifica uma variação proporcional indirecta com a idade. Desta forma, à medida que aumenta a idade, aumenta também a tendência para que os inquiridos se pautem por uma orientação social mais igualitária e mais pró-activa.

Quadro 3.41 Sexo e orientação social

Sexo	Orientação social				
	Igualitária pró-activa	Não igualitária pró-activa	Igualitária não pró-activa	Não igualitária e não pró-activa	
Masculino	Fi	206	38	23	9
	%	74,6	13,8	8,3	3,3
Feminino	Fi	21	4	3	1
	%	72,4	13,8	10,3	3,4

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.42 Idade e orientação social

Idade	Orientação social				
	Igualitária pró-activa	Não igualitária pró-activa	Igualitária não pró-activa	Não igualitária e não pró-activa	
Até 29 anos	Fi	54	13	6	2
	%	72,0	17,3	8,0	2,7
De 30 a 44 anos	Fi	128	25	18	5
	%	72,7	14,2	10,2	2,8
Mais de 45 anos	Fi	45	4	2	3
	%	83,3	7,4	3,7	5,6

N-305

Fonte: Própria

Em termos de região de residência, apesar da predominância da orientação igualitária pró-activa em todas as regiões, esta assume maior relevância no Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, como se pode constatar no quadro 3.43.

Da análise ao nível de escolaridade verifica-se a prevalência dos igualitários pró-activos em todos os níveis de escolaridade, todavia, conforme se pode ver no quadro 3.44, esta orientação social destaca-se consideravelmente nos inquiridos com o 12º ano e ensino superior, o que pressupõe que o ensino escolar poderá desempenhar um papel relevante na evolução das orientações igualitárias e pró-activas.

Quadro 3.43 Região de residência e orientação social

Região		Orientação social			
		Igualitária pró-activa	Não igualitária pró-activa	Igualitária não pró-activa	Não igualitária e não pró-activa
Baixo Alentejo	Fi	69	10	9	1
	%	77,5	11,2	10,1	1,1
Alentejo Central	Fi	66	15	8	2
	%	72,5	16,5	8,8	2,2
Alto Alentejo	Fi	57	12	7	3
	%	72,2	15,2	8,9	3,8
Alentejo Litoral	Fi	35	5	2	4
	%	76,1	10,9	4,3	8,7

N-305

Fonte: Própria

Quadro 3.44 Nível de escolaridade e orientação social

Nível de escolaridade		Orientação social			
		Igualitária pró-activa	Não igualitária pró-activa	Igualitária não pró-activa	Não igualitária e não pró-activa
Até 9º ano	Fi	25	5	9	6
	%	55,6	11,1	20,0	13,3
12º Ano	Fi	102	15	10	2
	%	79,1	11,6	7,8	1,6
Ensino superior	Fi	100	22	7	2
	%	76,3	16,8	5,3	1,5

N-305

Fonte: Própria

Embora a orientação social igualitária pró-activa prevaleça em todas as classes sociais, assume maior expressão na pequena burguesia e nas classes sociais dominantes, nomeadamente, nos trabalhadores independentes e nos empresários, dirigentes e profissionais liberais, conforme se pode ver no quadro 3.45.

Em síntese, apesar da orientação social igualitária pró-activa prevalecer em todas as variáveis equacionadas, é mais expressiva nos inquiridos do sexo masculino, na faixa etária com mais de quarenta e cinco anos, naqueles que frequentaram o 12º ano de escolaridade, nos residentes no Baixo Alentejo, na pequena burguesia e nas classes sociais dominantes, particularmente, nos trabalhadores independentes e empresários, dirigentes e profissionais liberais. Globalmente pode-se afirmar que os valores da igualdade e da liberdade estão significativamente naturalizados na maioria dos inquiridos, tal como a modernidade parece ter sido incorporada duravelmente na vida destes mesmos inquiridos.

Quadro 3.45 Classe social e orientação social

Classe social		Orientação social			
		Igualitária pró-activa	Não igualitária pró-activa	Igualitária não pró-activa	Não igualitária e não pró-activa
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Fi	21	5	0	0
	%	80,8	19,2	,0	,0
Profissionais técnicos e de enquadramento	Fi	83	17	7	2
	%	76,1	15,6	6,4	1,8
Trabalhadores independentes	Fi	5	0	1	0
	%	83,3	,0	16,7	,0
Empregados executantes	Fi	79	12	9	5
	%	75,2	11,4	8,6	4,8
Operários e assalariados agrícolas	Fi	23	4	5	3
	%	65,7	11,4	14,3	8,6
Estudantes	Fi	16	4	4	0
	%	66,7	16,7	16,7	,0

N-305

Fonte: Própria

A vida quotidiana compreende muitas outras dimensões para além das práticas desportivas, como por exemplo estar com familiares e amigos, trabalhar, participar em actividades cívicas, políticas ou de solidariedade social, entre outras, são situações que fazem parte do quotidiano dos inquiridos.

No sentido de avaliar o grau de importância atribuído ao Btt enquanto situação que faz parte da vida dos inquiridos, foi sugerida uma escala de 1 a 10. No geral, a grande percentagem de respostas (78,7%) centrou-se entre a opção 5 e 8, revelando desta forma que o Btt tem um peso relevante na vida dos inquiridos, conforme se pode ver no quadro 3.46.

Quadro 3.46 Grau de importância atribuído ao Btt

Grau de importância	Fi	%
2	4	1,3
3	15	4,9
4	24	7,9
5	67	22,0
6	47	15,4
7	60	19,7
8	66	21,6
9	7	2,3
10	15	4,9

N-305

Fonte: Própria

Na análise às variáveis sexo, idade, região e nível de escolaridade, o Btt enquanto situação que faz parte da vida é mais importante para os homens, para os inquiridos na faixa etária dos 30 aos 44 anos, para os residentes no Baixo Alentejo e para os inquiridos que frequentaram o ensino secundário e superior.

No que respeita às diferentes classes sociais, os empregados executantes, os estudantes e os profissionais técnicos e de enquadramento são os que atribuem mais importância ao Btt enquanto situação que faz parte da vida, conforme se pode ver no quadro 3.47.

Quadro 3.47 Grau de importância atribuído pelas classes sociais ao Btt

Classe social		Grau de importância								
		2	3	4	5	6	7	8	9	10
EDL	Fi	0	2	0	8	5	6	5	0	0
	%	,0	7,7	,0	30,8	19,2	23,1	19,2	,0	,0
PTE	Fi	3	8	10	23	11	24	24	2	4
	%	2,8	7,3	9,2	21,1	10,1	22,0	22,0	1,8	3,7
TI	Fi	0	0	0	2	3	1	0	0	0
	%	,0	,0	,0	33,3	50,0	16,7	,0	,0	,0
EE	Fi	1	3	7	22	18	16	25	4	9
	%	1,0	2,9	6,7	21,0	17,1	15,2	23,8	3,8	8,6
OAA	Fi	0	1	5	9	4	6	8	1	1
	%	,0	2,9	14,3	25,7	11,4	17,1	22,9	2,9	2,9
Estudantes	Fi	0	1	2	3	6	7	4	0	1
	%	,0	4,2	8,3	12,5	25,0	29,2	16,7	,0	4,2

N-305

Fonte: Própria

Em síntese, e estabelecendo a comparação entre as várias classes sociais, verifica-se que existe uma distribuição desigual dos inquiridos pelas diferentes classes sociais, com prevalência significativa dos profissionais técnicos e de enquadramento e empregados executantes, ou seja, da pequena burguesia, confirmando desta forma a hipótese levantada de que existe diferente adesão de praticantes nas diferentes classes sociais.

Relativamente aos estudantes, verificou-se uma diversidade de comportamentos que não permitiu associar os mesmos a qualquer classe social. Ainda assim, no que diz respeito ao nível de escolaridade a maioria dos estudantes frequenta o ensino superior tal como os empresários, dirigentes e profissionais liberais, e os profissionais técnicos e de enquadramento. No que respeita ao investimento associado à prática do Btt, os estudantes assemelham-se aos operários e assalariados agrícolas e quanto aos valores associados ao Btt, os estudantes estão mais próximos dos empregados executantes.

Conforme consta no quadro 3.48, em todas as classes sociais predominam os homens, com idades compreendidas entre os 30 e 44 anos. A maioria dos empresários, dirigentes e profissionais liberais, profissionais técnicos e de enquadramento, trabalhadores independentes e estudantes reside no Baixo Alentejo, a maioria dos empregados executantes reside no Alentejo Central e dos operários e assalariados agrícolas reside no Alto Alentejo.

Quadro 3.48 Resumo caracterização das classes sociais

Classe social	Sexo	Idade	Residência	Escolaridade
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Homens	30 a 44 anos	Baixo Alentejo	Ensino Superior
Profissionais técnicos e de enquadramento	Homens	30 a 44 anos	Baixo Alentejo	Ensino Superior
Trabalhadores independentes	Homens	30 a 44 anos	Baixo Alentejo	9º ano/12º ano/ES
Empregados executantes	Homens	30 a 44 anos	Alentejo Central	12º ano
Operários e assalariados agrícolas	Homens	30 a 44 anos	Alto Alentejo	12º ano
Estudantes	Homens	até 29 anos	Baixo Alentejo	Ensino Superior

N-305

Fonte: Própria

Quanto ao nível de escolaridade frequentada, os empresários, dirigentes e profissionais liberais, profissionais técnicos e de enquadramento e estudantes frequentaram o ensino superior, os trabalhadores independentes estão divididos em igual número pelo 9º ano, 12º ano e ensino superior, enquanto a maioria dos empregados executantes e operários e assalariados agrícolas frequentou o 12º ano de escolaridade.

Conforme se pode confirmar no quadro 3.49, os inquiridos pertencentes às diferentes classes sociais, apesar de adoptarem práticas semelhantes no Btt, é possível perceber algumas diferenças. Se por um lado se verifica o mesmo comportamento, na maioria dos inquiridos relativamente à forma preferida de praticar Btt (maratonas com competição) e à companhia escolhida na prática deste desporto (amigos), por outro lado, as diferenças de comportamento existem na regularidade com que praticam Btt, no local onde praticam e sobretudo, nos meios que utilizam e no investimento que efectuaram na compra desses mesmos meios.

Quadro 3.49 Resumo práticas Btt nas classes sociais

Classe social	Regularidade	Local	Preferência	Acompanhantes
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Semanalmente	Alentejo	Maratonas com competição	Amigos
Profissionais técnicos e de enquadramento	2 a 3 vezes por semana	Concelho	Maratonas com competição	Amigos
Trabalhadores independentes	2 a 3 vezes por semana	Localidade	Passeios com andamento livre	Amigos
Empregados executantes	2 a 3 vezes por semana	Concelho	Maratonas com competição	Amigos
Operários e assalariados agrícolas	2 a 3 vezes por semana	Concelho/Distrito/País	Maratonas com competição	Amigos
Estudantes	2 a 3 vezes por semana	Distrito	Maratonas com competição	Amigos

N-305

Fonte: Própria

O quadro 3.50 reflecte com clareza que a maioria dos inquiridos nas diferentes classes sociais, não têm a mesma quantidade de bicicletas, que foi investido um montante diferente, quer seja em bicicletas, capacete, sapatos, acessórios ou vestuário. Pode-se ainda constatar, que de uma forma geral, as classes sociais dominantes e pequena

burguesia mais favorecida, fizeram um investimento superior, o que admite pensar que poderão estes inquiridos praticar Btt com meios de qualidade superior.

Esta análise permite assim confirmar a hipótese levantada, de que as diferentes classes sociais adoptam diferentes práticas no Btt, uma vez que estas não praticam Btt com a mesma regularidade, que elegem locais diferentes para praticar este desporto, mas também porque utilizam meios diferentes, quer em número, quer em termos de preço, e consequentemente em termos de qualidade.

Quadro 3.50 Resumo dos meios e investimento das classes sociais

Classe social	Quantidade bicicletas	Investimento bicicletas	Investimento capacete	Investimento sapatos	Investimento acessórios	Investimento vestuário
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	2	mais 3001€	entre 51€ e 150€	até 200€	entre 101€ e 300€	entre 101€ e 300€
Profissionais técnicos e de enquadramento	2	entre 1001€ e 3000€	entre 51€ e 150€	até 100€	até 100€	até 100€
Trabalhadores independentes	1	até 1000€	até 150€	até 100€	entre 101€ e 300€	entre 101€ e 300€
Empregados executantes	2	entre 1001€ e 3000€	até 50€	até 100€	até 100€	até 100€
Operários e assalariados agrícolas	1	até 1000€	até 50€	até 100€	até 100€	até 300€
Estudantes	2	até 1000€	até 50€	até 50€	até 100€	até 100€

N-305

Fonte: Própria

No que diz respeito aos valores sociais associados à prática do Btt, também se confirma a hipótese levantada, de que as diferentes classes sociais encontram diferentes valores na prática deste desporto.

Conforme se pode ver no Quadro 3.51, embora a maioria dos inquiridos em todas as classes sociais partilhem da mesma orientação social, igualitária pró-activa, privilegiam valores diferentes, encontram diferentes motivações na prática do Btt e também diferem na inclinação para os chamados valores de tipo materialista ou pós-materialista.

Quadro 3.51 Resumo valores nas classes sociais

Classe social	Valores sociais	Motivações	Tipo valores	Orientação social
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	Saúde e divertimento	Aliviar o stress e ocupar o tempo livre	Materialistas	Igualitária pró-activa
Profissionais técnicos e de enquadramento	Divertimento e convívio	Gosto por desportos ao ar livre	Pós- materialistas	Igualitária pró-activa
Trabalhadores independentes	Divertimento e lazer	Prazer em andar de bicicleta	Materialistas	Igualitária pró-activa
Empregados executantes	Saúde e divertimento	Contacto com a natureza	Materialistas	Igualitária pró-activa
Operários e assalariados agrícolas	Saúde e divertimento	Prazer em andar de bicicleta	Pós- materialistas	Igualitária pró-activa
Estudantes	Saúde e convívio	Contacto com a natureza	Pós- materialistas	Igualitária pró-activa

N-305

Fonte: Própria

A hipótese de que as diferentes classes sociais têm diferentes representações do Btt, parece também verificar-se, na medida em que existem diferentes graus de concordância sobre o prestígio, acessibilidade, custos e importância do Btt na vida dos inquiridos, conforme se pode ver no quadro 3.52.

Quadro 3.52 Resumo representações nas classes sociais

Classe social	Prestígio	Acessibilidade	Custos	Importância
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	15,3%	26,9%	50%	5
Profissionais técnicos e de enquadramento	27,5%	34,8%	33%	8
Trabalhadores independentes	16,7%	33,4%	50%	6
Empregados executantes	25,7%	33,4%	36,2%	8
Operários e assalariados agrícolas	28,5%	22,8%	42,8%	8
Estudantes	33,3%	54,2%	50%	6

N-305

Fonte: Própria

Desta forma, confirma-se também a hipótese geral de que os praticantes Btt pertencentes às diferentes classes sociais têm diferentes formas de praticar Btt, uma vez que, como anteriormente se verificou as diferentes classes sociais adoptam diferentes práticas, encontram diferentes valores e têm diferentes representações sociais acerca do Btt.

CONCLUSÃO

O considerável desenvolvimento da prática do Btt em Portugal, particularmente no Alentejo, associado ao crescente número de praticantes, de eventos e de estabelecimentos comerciais relacionados com esta modalidade desportiva, fizeram deste desporto um fenómeno social passível de ser estudado.

O Btt surgiu em Portugal na segunda metade da década de 80, como elemento de preparação dos ciclistas de estrada profissionais. Actualmente é praticado por qualquer pessoa e prolifera um pouco por todo o país. Pode ser praticado sem qualquer limitação em termos de idade ou sexo, individualmente ou em grupo, com objectivos de competição ou simplesmente por lazer.

A partir do início da década de 90 muitos praticantes, por norma amigos ou colegas de profissão, juntaram-se e fundaram equipas, interligadas e suportadas por associações culturais e desportivas ou empresas, que a troco de publicidade patrocinam estas equipas.

Surgiram também os primeiros eventos relacionados com a modalidade, os quais se multiplicaram rapidamente, quer em número quer em diversidade, e actualmente propagam-se de uma ou outra forma pela maioria das localidades do Alentejo. Estes eventos organizados são, sobretudo, maratonas com competição, passeios com andamento livre ou passeios guiados.

Esta evolução do Btt foi acompanhada pela proliferação de estabelecimentos comerciais, que na sua maioria, se dedicam exclusivamente à venda de bicicletas, equipamento e acessórios relacionados com esta modalidade desportiva.

Mas afinal, o que leva as pessoas a praticar Btt? Que valores, práticas e representações estão associados a este desporto e como são apropriadas pelos seus praticantes? Foi este o ponto de partida do presente estudo.

Sendo o desporto uma prática cultural compreensível a partir do estudo das relações entre os indivíduos, a problemática das classes sociais foi a forma escolhida para abordar a situação, nomeadamente, a teoria geral das classes sociais elaborada por Pierre Bourdieu, a qual serviu de referência ao enquadramento teórico do presente trabalho.

Bourdieu dedicou vários estudos aos processos de diferenciação social. Segundo o autor, existe um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem determinadas pela delimitação de um conjunto de indivíduos que ocupam idêntica

posição nesse mesmo espaço social. Para Bourdieu é a relação social que liga entre si os indivíduos e os grupos que está na base da vida social. A sua obra centra-se na análise da forma como os indivíduos incorporam a estrutura social ao mesmo tempo que a legitimam, produzem e reproduzem.

Recorreu-se também à teoria da mudança de valores de Ronald Inglehart, com o objectivo de avaliar a orientação dos inquiridos para valores do tipo materialista ou pós materialista. Para Inglehart a alteração de valores resulta da substituição de gerações, associadas a diferentes dinâmicas de socialização assentes em ambientes de paz e crescimento económico.

Foi ainda considerado o conceito teórico de naturezas sociais desenvolvido por Casanova, no sentido de avaliar as orientações sociais dos inquiridos relativamente à desigualdade social e à acção. O autor defende que as orientações sociais se definem na esfera sociocultural enquanto crenças sobre as condições sociais de vida, socialmente estruturadas e estruturantes de valores, representações e práticas sociais.

Os contributos da sociologia do desporto também se revelaram importantes para o desenvolvimento do presente trabalho, na medida em que permitiram compreender o desporto enquanto fenómeno social, fazer um enquadramento geral do conceito de desporto, bem como estabelecer a estreita ligação do desporto a valores como o lazer, tempo livre, aventura, contacto com a natureza, saúde e outros.

Sinteticamente pretendeu-se estudar o Btt enquanto prática social, focando o centro de análise nos seus praticantes, procurando relações entre essa prática, valores e representações e as diferentes localizações sociais dos indivíduos.

Desta forma, foi equacionada a hipótese de que as várias classes sociais têm formas distintas de praticar Btt. Presumindo-se que as diferentes posições sociais aliadas à diferente posse de capitais se reflectem em distintas formas de praticar Btt.

Mais especificamente colocaram-se as hipóteses de que as várias classes sociais têm diferente adesão de praticantes ao Btt, que se identificam com diferentes valores, práticas e representações sociais na modalidade.

Por limitações de recursos e de tempo disponível, o universo do estudo cingiu-se aos praticantes de Btt residentes no Alentejo, não sendo por isso possível estender a outras regiões ou até ao país.

A ausência de informação acerca dos praticantes de Btt do Alentejo obrigou à realização de um levantamento de informação exaustivo, relativo aos praticantes, equipas, eventos,

estabelecimentos comerciais e relação das equipas com as novas tecnologias de informação e comunicação, o qual consubstanciou uma parte significativa do investimento neste estudo.

Este levantamento foi conseguido através do contacto presencial, telefónico e via correio electrónico com equipas de Btt, departamentos de desporto das câmaras municipais, juntas de freguesia, associações culturais e desportivas, estabelecimentos comerciais de venda de bicicletas e praticantes de Btt mais conhecedores da realidade empírica deste desporto.

Para efeitos do estudo, foram considerados praticantes Btt os indivíduos que praticam este desporto com relativa regularidade, que utilizam para tal, bicicletas minimamente adequadas ao efeito, quer sejam indivíduos que participam em competições oficiais ou simplesmente praticantes por lazer. Foram excluídos deste conceito, os indivíduos que esporadicamente utilizam a bicicleta para passeios com objectivos exclusivos de lazer, e ainda, os indivíduos que utilizam a bicicleta exclusivamente como meio de deslocação sem qualquer fim desportivo.

Relativamente à pesquisa sociológica adoptou-se uma estratégia de investigação extensiva-quantitativa, na medida em que se pretendeu estudar, compreender e explicar o objecto de investigação, procurando estabelecer relações quantificáveis entre variáveis.

Optou-se pela aplicação de um inquérito por questionário, orientado essencialmente para a recolha de informação pertinente relativa às hipóteses de trabalho, por ser a técnica de recolha de dados que melhor garantia a possibilidade de generalização dos resultados obtidos, através de uma amostra ao universo que se pretendia estudar.

Construiu-se uma tipologia amostral próxima da chamada amostragem por quotas, na medida em que os inquiridos foram seleccionados de forma a preencher quotas estabelecidas com base no levantamento de informação.

Desta forma, foram aplicados 305 inquéritos por questionário, maioritariamente de forma indirecta via correio electrónico, e uma minoria de forma directa através do contacto pessoal, aos quais antecedeu a aplicação de um pré-teste.

Vale a pena lembrar de forma sucinta os principais resultados provenientes deste estudo ao nível da análise empírica. O levantamento de informação realizado permitiu contabilizar 3587 praticantes Btt, 25% no Baixo Alentejo, 35% no Alentejo Central, 23% no Alto Alentejo e 17% no Alentejo Litoral. Do total de praticantes 2432 (68%) estão inseridos em equipas, os restantes 1155 (32%) praticam Btt individualmente.

Longe de ser uma modalidade dominante, o Btt revela-se uma modalidade em crescente ascensão e afirmação no panorama desportivo do Alentejo, contando com sete praticantes por cada mil residentes, cerca de uma centena de equipas, mais de duzentos eventos anuais, onde prevalecem as maratonas com competição e 39 estabelecimentos comerciais que empregam 62 indivíduos. As novas tecnologias de informação e comunicação estão estreitamente ligadas ao Btt, nomeadamente a internet, tendo 83% das equipas *sites*, blogs ou páginas nas redes sociais, onde promovem as equipas, patrocinadores e divulgam os eventos.

Apesar do Btt ter surgido em Portugal na década de 80, no Alentejo foi nos últimos dez anos que mais se desenvolveu. O Alentejo Litoral foi a região pioneira na prática do Btt, motivado pela proximidade à Serra da Arrábida, local onde decorreram os primeiros eventos Btt em Portugal. As primeiras equipas Btt surgiram na primeira metade da década de 90, mas foi a partir de 2005 que a maioria das equipas se formou.

Da análise às características sociais dos inquiridos, verifica-se que a maioria dos praticantes Btt são homens, na faixa etária entre trinta e quarenta e quatro anos, que frequentam ou frequentaram o ensino superior, inseridos no mercado de trabalho, assalariados, afectos ao sector terciário, ligados à administração central e local e pertencentes às classes sociais dos profissionais técnicos e de enquadramento e empregados executantes, ou seja, à pequena burguesia.

Verificou-se que existe uma distribuição desigual dos inquiridos pelas diferentes classes sociais. Os profissionais técnicos e de enquadramento e os empregados executantes são as classes sociais mais representadas, os trabalhadores independentes e os empresários, dirigentes e profissionais liberais são os menos representados, confirmando-se desta forma a hipótese levantada de que existe diferente adesão de praticantes nas diferentes classes sociais. Através da comparação da distribuição das classes sociais entre a amostra e a população portuguesa verificou-se que os operários e assalariados agrícolas estão claramente sub-representados na amostra, em contrapartida, os profissionais técnicos e de enquadramento estão sobre-representados.

A maioria dos inquiridos têm entre um a quatro anos de prática deste desporto, foram incentivados pelos amigos, estão inseridos em equipas, praticam Btt duas a três vezes por semana, preferencialmente na companhia de amigos, o local eleito para esta prática é o concelho de residência e os eventos preferidos são as maratonas com competição.

Confirmou-se também a hipótese inicial, de que as diferentes classes sociais adoptam diferentes práticas no Btt, uma vez que, não o fazem com a mesma regularidade, que

elegem locais diferentes para praticar este desporto, mas também porque utilizam meios diferentes, quer em quantidade, quer em termos de preço, e conseqüentemente em termos de qualidade. Por exemplo, os empresários, dirigentes e profissionais liberais praticam Btt semanalmente, enquanto as restantes classes praticam Btt duas a três vezes por semana; os profissionais técnicos e de enquadramento praticam Btt maioritariamente no concelho de residência, enquanto os operários e assalariados agrícolas estendem esta prática ao distrito e país; os empresários, dirigentes e profissionais liberais têm na sua maioria mais que uma bicicleta e investem mais em bicicletas acessórios e restante equipamento, enquanto a maioria dos operários e assalariados agrícolas têm apenas uma bicicleta e fazem um investimento mais reduzido em bicicletas, acessórios e restante equipamento.

O contacto com a natureza, o gosto por desportos ao ar livre, o prazer em andar de bicicleta, o divertimento, a saúde, o convívio, o lazer e a ocupação dos tempos livres, são os principais valores e motivações que estão associados à prática do Btt.

Nas várias classes sociais verificou-se que apesar de existir um conjunto de valores globalmente partilhados, parecem não ter a mesma capacidade de gerar apetências idênticas nos praticantes das várias classes sociais, confirmando-se desta forma a hipótese de que as diferentes classes sociais encontram diferentes valores na prática deste desporto. Por exemplo, os empresários, dirigentes e profissionais liberais privilegiam a saúde e o divertimento e dizem praticar Btt para aliviar o stress e ocupar o tempo livre, enquanto os trabalhadores independentes privilegiam o divertimento e o lazer e dizem praticar Btt pelo prazer em andar de bicicleta.

Com base na teoria desenvolvida por Ronald Inglehart verificou-se uma tendência para os chamados valores pós materialistas. Ainda assim, esta tendência difere nas diferentes classes sociais. Os empresários, dirigentes e profissionais liberais, trabalhadores independentes e empregados executantes, na sua maioria revelam uma tendência para valores materialistas, enquanto os profissionais técnicos e de enquadramento e os operários e assalariados agrícolas, na sua maioria revelam uma tendência para os valores pós-materialistas.

Quanto às orientações sociais dos inquiridos verificou-se a prevalência da orientação igualitária relativa às desigualdades sociais, e da orientação pró-activa relativa à acção dos inquiridos, o que revelou uma orientação social igualitária pró-activa, indicando assim, que os valores da igualdade e da liberdade estão significativamente naturalizados na maioria dos inquiridos, tal como a modernidade parece ter sido incorporada duravelmente na vida destes mesmos inquiridos. Embora a orientação social igualitária

pró-activa prevaleça em todas as classes sociais, assume maior expressão nas classes sociais dominantes e pequena burguesia.

Ao nível das representações sociais para maioria dos inquiridos, o Btt é um desporto que não confere prestígio junto dos outros, é acessível a todos, embora seja um desporto relativamente caro. Conclui-se ainda que o Btt tem um peso significativo na vida quotidiana dos inquiridos, tendo a maioria destes atribuído um grau de importância entre 5 e 8 numa escala de 10 valores.

Nas diferentes classes sociais existem diferentes graus de concordância relativamente às representações sociais sobre prestígio, acessibilidade, custos e importância do Btt na vida dos inquiridos, confirmando assim a hipótese de que as distintas classes sociais têm diferentes representações do Btt. Por exemplo, os operários e assalariados agrícolas revelam maior grau de concordância relativamente ao prestígio conferido pela prática do Btt; os profissionais técnicos e de enquadramento revelam maior grau de concordância relativamente à acessibilidade a este desporto; os empresários, dirigentes e profissionais liberais são a classe que atribui menos importância ao Btt enquanto situação que faz parte da vida dos inquiridos.

Finalmente confirmou-se também a hipótese geral de que os praticantes Btt pertencentes às diferentes classes sociais têm diferentes formas de praticar Btt, uma vez que, as várias classes sociais adoptam diferentes práticas, encontram diferentes valores e têm diferentes representações sociais sobre o Btt.

A exploração do Btt como fenómeno social não se esgota com o presente estudo, outros valores, práticas e representações sociais poderão estar associados a este desporto. O alargamento do universo de estudo a outras regiões ou até mesmo ao país, certamente permitiriam um conhecimento mais completo e aprofundado deste fenómeno social, abrindo a possibilidade de comparação desta prática desportiva entre as várias regiões.

Apesar dos modestos resultados obtidos, que ficarão mais completos com a exploração e aprofundamento destes, pode dizer-se que ficou este fenómeno social menos incompreendido e certamente melhor explorado, abrindo desta forma novos horizontes de reflexão para trabalhos futuros.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de, (1981) *Alguns Problemas de Teoria das Classes Sociais*, Revista Critica de Ciências Sociais n.º 7/8.
- Almeida, João Ferreira de, (1990) *Portugal Os próximos 20 anos. Valores e Representações Sociais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Alpiarça, Mário (2002), *Btt – A bicicleta Todo-o-Terreno?* Lisboa, Livros Horizonte.
- Bourdieu, Pierre (1972), *Esquisse d'Une Théorie de la Pratique, Précédé de Trois Études d'Éthnologie Kabyle*, Genebra, Droz.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction: Critique sociale du jugement*, Paris Les Editions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1989) *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas- Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.
- Carta Europeia do Desporto (1992), 7ª Conferência dos ministros europeus responsáveis pelo desporto.
- Casanova, José Luís (1995), “A ‘Teoria da Prática’ – uma prática menos teorizada?”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 17.
- Casanova, José Luís (2004), *Naturezas Sociais. Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.
- Campenhoudt, Luc Van (2003), *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*, Gradiva.
- Campos, Luís Melo (2008), *Músicas & Músicos. Modos de Relação*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da (1987), “Novos contributos para velhas questões da teoria das classes sociais”, *Análise Social*, n.º 98.
- Costa, António Firmino da, e José Luís Casanova (1996), *Classes Sociais*, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 19.

- Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), *Classes Sociais na Europa*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 34.
- Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2007), “Classes Sociais e Recursos educativos, uma análise transnacional”, in Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (org.s) (2007), *Sociedade e Conhecimento*, Lisboa, Celta Editora.
- Dumazedier, Joffre, (1980), *Sociologia Empírica do Lazer*, São Paulo, Perspectiva.
- Estanque, Elísio (1993) *Classe, Status e Lazer*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais.
- Foddy, William (1996), *Como Perguntar. Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta Editora.
- Ghiglione, Rodolphe, e Benjamin Matalon (1992), *O Inquérito: Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Gonçalves, Artur, e Graça Simões de carvalho (2008), *Os tempos livres e os quotidianos na definição de estilos de vida de jovens rurais e urbanos: influência da escolarização e dos recursos comunitários*, LIBEC-CIFPEC, Universidade do Minho.
- Giddens, Anthony (2001), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jodelet, Denise (1989), *Folie et Représentations Sociales*, Paris, PUF.
- Lança, Rui, (2007), *O Desporto e o Lazer – Uma gestão integrada*, Alfragide, Editorial Caminho.
- Marivoet, Salomé (2000), *Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998)*, IV Congresso Português de Sociologia.
- Marivoet, Salomé (2001), *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Marivoet, Salomé (2002), *Aspectos Sociológicos do Desporto (2)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Melo, Maria Benedita Portugal e (1998). *No Temp(l)o Da Arte – Um estudo sobre práticas culturais*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 28.
- Mota, J. & Sallis, J. (2002), *Actividade Física e Saúde. Factores de Influência da Actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes*, Porto, Campo de Letras Editores.

Ortiz, Renato (org.) (1983), *Pierre Bourdieu*, São Paulo, Ática.

Quivy, Raymond, e Luc Van Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Silva, Augusto da, (1983), *Sociologia Geral – II*, Universidade de Évora.

Vala, Jorge, Manuel Vilaverde Cabral e Alice Ramos (2003), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Vasconcellos, Maria Drosila (2002), *Pierre Bourdieu: A Herança Sociológica*, Educação & Sociedade.

Wacquant, Loic (2007), *Esclarecer o habitus*, Educação & Linguagem, n.º 16.

SITES CONSULTADOS

www.ine.pt (censos 2001).

APÊNDICES

APÊNDICE 1 Questionário

QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se a um estudo académico (Mestrado em Sociologia da Universidade de Évora), e versa sobre o BTT e seus praticantes.

O seu contributo é muito importante e as suas respostas são anónimas.

Obrigado pela sua participação.

Clique na quadricula que pretende assinalar. Em caso de engano, basta clicar novamente para desmarcar. Nas respostas em que necessita escrever, basta colocar o cursor no campo sombreado e escrever. Para enviar o questionário ou esclarecer qualquer dúvida, envie e-mail para almeldabtt@gmail.com

1. Género:

Masculino 1

Feminino 2

2. Idade

3. Concelho de residência

4. Diga qual o nível mais alto de escolaridade que frequentou?

- 1º. Ciclo do Ensino Básico (4º. ano) 1
- 2º. Ciclo do Ensino Básico (6º. Ano) 2
- 3º. Ciclo do Ensino Básico (9º. Ano) 3
- Ensino Secundário (12º. Ano) 4
- Ensino superior (licenciatura) 5
- Ensino superior (mestrado) 6
- Ensino superior (doutoramento) 7

5. Com quem vive? (assinale todas as opções que lhe são aplicáveis)

- Pai, mãe 1
- Conjuge 2
- Filhos 3
- Outros 4

5.1 Número de filhos

6. Condição perante o trabalho?

- Trabalho(a) 1
- Desempregado(a) 2
- Reformado(a) 3
- Estudante 4
- Doméstico(a) 5

7. Profissão (actual ou última)

8. Categoria socio profissional (actual ou última)?

- Empresário(a) ou dirigente 1
- Profissional ou técnico superior 2
- Trabalhador independente ou camponês 3
- Empregado executante 4
- Operário 5

9. Situação na profissão (actual ou última)?

- Patrão 1
- Assalariado 2
- Independente 3
- Trabalhador familiar não remunerado 4

10. Há quanto tempo pratica BTT?

- Menos de 1 ano 1
- 1 a 4 anos 2
- 5 a 10 anos 3
- Mais de 10 anos 4

11. Quem o incentivou a praticar BTT? (assinale todas as opções que lhe são aplicáveis)

- Amigos 1
- Familiares 2
- Colegas de profissão 3
- Já andava de bicicleta 4
- Outra 5 Qual?

12. Com que regularidade pratica BTT?

- Diariamente 1
- Entre 2 a 3 vezes por semana 2
- Semanalmente 3
- Poucas vezes por mês 4

13. Onde pratica BTT?

- Na minha localidade 1
- No meu concelho 2
- No meu distrito 3
- No Alentejo 4
- Em todo o país 5
- No estrangeiro 6

14. O que mais gosta no BTT?

- As maratonas com competição 1
- Os passeios com andamento livre 2
- Os passeios guiados 3
- Os treinos 4
- Os passeios com amigos 5

15. Com quem pratica BTT? (assinale todas as opções que lhe são aplicáveis)

- Individualmente 1
- Com a família 2
- Com amigos 3
- Com vários grupos de praticantes 4

16. Qual a sua relação com equipas/associações de BTT?

- Não sou membro de nenhuma equipa 1
- Sou membro de uma equipa mas pratico individualmente 2
- Sou membro e praticante de uma equipa 3

17. Quais as modalidades desportivas que pratica ou praticou? Assinale todas as modalidades que pratica ou já praticou com alguma regularidade.

- | | | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|---|-----------------------------|
| • Futebol, futebol salão | <input type="checkbox"/> 1 | • Patinagem | <input type="checkbox"/> 13 |
| • Andebol, voleibol, basquetebol | <input type="checkbox"/> 2 | • Xadrez | <input type="checkbox"/> 14 |
| • Rugby | <input type="checkbox"/> 3 | • Boxe, karaté, judo | <input type="checkbox"/> 15 |
| • Ténis | <input type="checkbox"/> 4 | • Taekondo, capoeira | <input type="checkbox"/> 16 |
| • Motocrosse, motociclismo, karting | <input type="checkbox"/> 5 | • Pára-quedismo, balonismo, asa delta, | |
| • Montanhismo | <input type="checkbox"/> 6 | parapente | <input type="checkbox"/> 17 |
| • Caça, pesca | <input type="checkbox"/> 7 | • Slide, escalada, rapel | <input type="checkbox"/> 18 |
| • Caminhada, orientação | <input type="checkbox"/> 8 | • Ciclismo | <input type="checkbox"/> 19 |
| • Natação, mergulho | <input type="checkbox"/> 9 | • Triatlo | <input type="checkbox"/> 20 |
| • Canoagem, remo, kaiak | <input type="checkbox"/> 10 | • Equitação, hipismo | <input type="checkbox"/> 21 |
| • Surf, bodyboard, vela | <input type="checkbox"/> 11 | • Golfe | <input type="checkbox"/> 22 |
| • Ginástica, ginásio | <input type="checkbox"/> 12 | • Outro <input type="checkbox"/> 23 Qual? | |

18. Quantas bicicletas têm?

- BTT Ciclismo

19. Quanto investiu na (s) sua (s) bicicleta (s)?

- Até 1000 € 1 Entre 1001€ e 3000€ 2 Mais de 3001€ 3

20. Qual o custo do seu capacete?

- Sem custo 1 Até 50€ 2 Entre 51€ e 150€ 3 Mais de 151€ 4

21. Qual o custo dos seus sapatos BTT?

- Sem custo 1 Até 100€ 2 Entre 101€ e 200€ 3 Mais de 201€ 4

22. Qual o custo dos seus acessórios Btt (luvas, óculos, conta-quilómetros, etc.)?

- Sem custo 1 Até 100€ 2 Entre 101€ e 300€ 3 Mais de 301€ 4

23. Qual o custo com o seu vestuário BTT?

- Sem custo 1 Até 100€ 2 Entre 101€ e 300€ 3 Mais de 301€ 4

24. Construa a sua bicicleta ideal.

24.1 Marca

- | | | | |
|----------------------------------|----------------------------|---|-----------------------------|
| • Não conheço as marcas | <input type="checkbox"/> 1 | • Mérida | <input type="checkbox"/> 8 |
| • Qualquer marca de supermercado | <input type="checkbox"/> 2 | • Orbea | <input type="checkbox"/> 9 |
| • Decathlon | <input type="checkbox"/> 3 | • KTM | <input type="checkbox"/> 10 |
| • Trek | <input type="checkbox"/> 4 | • Specialized | <input type="checkbox"/> 11 |
| • Vag | <input type="checkbox"/> 5 | • Stevens | <input type="checkbox"/> 12 |
| • Rockrider | <input type="checkbox"/> 6 | • Cannodale | <input type="checkbox"/> 13 |
| • BH | <input type="checkbox"/> 7 | • Outra <input type="checkbox"/> 14 Qual? | |

24.2 Quadro

- Indiferente 1
- Alumínio 2
- Carbono 3
- Titânio 4

24.3 Componentes (sistema de mudanças, desviador, pedaleira)

- Não conheço as marcas 1
- Qualquer marca de baixo custo 2
- Shimano Acera 3
- Shimano Deore 4
- Shimano SLX 5
- Shimano XT 6
- Shimano XTR 7
- SRAM X4 8
- SRAM X9 9
- SRAM X0 10
- SRAM XX 11
- Outra 12 Qual?

25. Assinale com um X a sua opção, sendo:

	1- Concordo perfeitamente	2- Concordo	3- Concordo parcialmente	4- Discordo
				1 2 3 4
25.1 Pratico Btt porque gosto de competir e participar em maratonas BTT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.2 Pratico BTT porque quero melhorar a minha performance física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.3 Pratico BTT para aliviar o stress e ocupar o tempo livre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.4 Pratico BTT porque é um desporto que está na moda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.5 Pratico BTT porque os meus amigos também praticam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.6 Pratico BTT para prevenir riscos de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.7 Pratico BTT porque é um desporto para a família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.8 Pratico BTT pelo convívio com os outros praticantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.9 Pratico BTT porque gosto do contacto com a natureza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.10 Pratico BTT para emagrecer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.11 Pratico BTT pelo prazer de andar de bicicleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.12 Pratico BTT porque gosto de desportos ao ar livre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

26. Indique numa escala de 1 a 5 o grau de concordância com as seguintes afirmações:

	1	2	3	4	5
26.1 O BTT é um desporto que confere prestígio junto dos outros	<input type="checkbox"/>				
26.2 O BTT é um desporto acessível a todos	<input type="checkbox"/>				
26.3 O BTT é um desporto relativamente caro	<input type="checkbox"/>				

27. Assinale com um X o grau de importância atribuído enquanto praticante de BTT, sendo:

	1-Muito importante	2- Importante	3- Indiferente	4- Pouco importante	5 – Nada importante
27.1 A aparência física	<input type="checkbox"/>				
27.2 A saúde	<input type="checkbox"/>				
27.3 O convívio	<input type="checkbox"/>				
27.4 A competição	<input type="checkbox"/>				
27.5 A imagem	<input type="checkbox"/>				
27.6 O lazer	<input type="checkbox"/>				
27.7 O divertimento	<input type="checkbox"/>				
27.8 A ocupação de tempos livres	<input type="checkbox"/>				

28. Porque escolhe praticar BTT e não outra modalidade? (assinale todas as opções que lhe são aplicáveis)

- Pelo contacto com a natureza 1
- Pelo esforço físico que a modalidade exige 2
- Porque gosto de andar de bicicleta 3
- Porque o BTT é um desporto que está na “moda” 4
- Porque o BTT é um desporto radical 5
- Porque o BTT é um desporto que respeita o ambiente 6
- Porque o BTT é um desporto não acessível a todos 7

29. Relativamente à sociedade portuguesa, quais dos seguintes objectivos genéricos lhe parecem mais importantes? (escolha três)

- Garantir e promover a liberdade de pensamento e de expressão 1
- Promover o respeito pela lei e manter a ordem no país 2
- Promover a participação dos cidadãos na vida e nas decisões políticas 3
- Promover a moralização dos costumes 4
- Promover a participação das populações na cultura e na vida da comunidade 5
- Promover o crescimento económico 6

30. Qual dos seguintes parágrafos corresponde melhor ao que pensa?

- É certo que existirão sempre desigualdades sociais, mas é sempre possível diminuir as desigualdades sociais entre as pessoas. 1
- É certo que existirão sempre desigualdades sociais, porque elas são inevitáveis. 2

31. Qual dos seguintes parágrafos corresponde melhor ao que pensa?

- A nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objectivos na vida e de nos esforçarmos por os atingir. 1
- Por mais que façamos, a nossa posição na sociedade depende sobretudo de coisas que não controlamos. 2

32. Estar com a família, trabalhar, conviver com colegas e amigos, descansar e “brincar”, participar em actividades cívicas, políticas ou de solidariedade social, entre outras, são situações que fazem parte da nossa vida.

Numa escala de 1 a 10, que importância que atribui ao Btt enquanto parte da sua vida?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Obrigado pela sua colaboração!

APÊNDICE 2 Levantamento de informação

BAIXO ALENTEJO														
CONCELHO	Nº equi	Nome Equipas	Fund.	Prat. Mas.	Prat. Fem.	Total Prat. Equipas	Praticantes Individuais	Total prat.	NTIC Internet	Estab. comerciais	Empregados	Eventos	População residente	% de praticantes
Ajustrel	0					0	20	20		0	0	1	10567	1,9
Almodôvar	0					0	20	20		1	1	0	8145	2,5
Alvito	2					20	10	30		0	0	2	2688	11,2
		G D Cultural Alvito	2005	5	0				sim					
		G D Cult. VN Baronia	2006	15	0				não					
Barrancos	0					0	10	10		0	0	1	1924	5,2
Beja	8					188	75	263		2	3	8	35762	7,4
		Team Alacrau	2005	10	2				não					
		Bikers du Além	2006	4	1				não					
		Despertar Btt	2006	15	0				sim					
		G D Cult. Mombeja	2005	10	0				sim					
		Btt Ferrobico	2004	77	5				sim					
		Geração Radical	2003	18	0				sim					
		Ass. Ciclot. Beringel	2000	30	0				sim					
		Btt Sempre Abrir	2008	16	0				sim					
Castro Verde	1					19	20	39		0	0	3	7603	5,1
		100 Trilhos	2010	17	2				sim					
Cuba	2					33	20	53		0	0	3	4994	10,6
		Clube Cuba Aventura	1999	15	3				sim					
		BTT Alva Bike	2006	15	0				sim					
F. Alentejo	5					77	20	97		0	0	4	9010	10,8
		Falcões da Planície	2009	15	0				sim					
		Velo Clube	1935	37	3				sim					
		Ferreira Activa	2006	12	0				sim					
		C. R. Convívio Olhas	2008	10	0				não					
Mértola	0					0	20	20				4	8712	2,3
Moura	4					90	20	110		2	2	6	16590	6,6
		Arucitana	2005	32	8				não					
		Nucleo Btt Leões	2006	10	0				sim					
		4 Esquinas	2007	30	0				sim					
		Btt Cocheiros	2008	10	0				sim					
Ourique	1					32	20	52		0	0	2	6199	8,4
		Ourique Desp. Clube	2008	30	2				sim					
Serpa	2					65	30	95		0	0	4	16723	5,7
		Seção Btt Piense F.C	2010	30	0				não					
		Ass. Jov. Vilanovense	2008	27	8				sim					
Vidigueira	3					59	10	69		0	0	3	6188	11,2
		C Ciclismo Vidigueira	1999	4	0				não					
		Trilhos de Baco	2006	44	1				não					
		Núcleo Btt V. Frades	2002	8	2				sim					
TOTAL	28			546	37	583	295	878		5	6	41	135105	6,5

ALENTEJO CENTRAL

CONCELHO	Nº equi	Nome equipas	Fund.	Prat. Mas.	Prat. Fem.	Total Prat.equi	Prat. Individuais	Total prat.	NTIC Internet	Estab. comerciais	Empregados	Eventos	Pop. Residente	% de praticantes
Alandroal	1	Sacaios Btt	2010	13	3	16	10	26	sim	0	0	3	6585	3,9
Arraiolos	2	C BTT Furões Alentejo	2007	21	0	131	20	151	sim	1	1	5	7616	19,8
Borba	0	Nucleo Ciclot. Arraiolos	1991	104	6	0	20	20	sim	0	0	3	7782	2,6
Estremoz	5	Ass. BITMOZ-SDT	2009	32	0	148	20	168	sim	3	6	8	15672	10,7
		C Ciclom. Estremoz	1994	35	5				sim					
		Rota d'Ossa	2009	20	15				sim					
		Bike Club	2009	5	0				sim					
		G. Ciclot. K'its Rolantes	2001	31	5				não					
Évora	10					201	100	301		6	12	16	56519	5,3
		Os Pedaleiras	2000	30	0				sim					
		G.D. Santo António	2009	30	0				sim					
		Dianas	2010	7	1				não					
		Pára e Bebes	2006	27	1				sim					
		AKI	2010	7	0				não					
		Intermarché	2004	5	2				não					
		Btt Malagueira	2008	14	8				sim					
		C.P. Tyco Electronics	2011	23	0				sim					
		Çagados Rolantes	2008	20	4				sim					
		Btt Torre	1990	22	0				sim					
Montemor Novo	2					71	20	91		2	6	4	18578	4,9
		G. Ciclot. Montemor	1993	45	2				sim					
		FVF Bike Team	2009	21	3				sim					
Mourão	0					0	10	10		0	0	0	3230	3,1
Portel	2					70	20	90		0	0	4	7109	12,7
		C.P. Terras do Montado	2008	36	4				sim					
		Os Gasparinhos	2000	28	2				sim					
Redondo	0					0	20	20		0	0	3	7288	2,7
Reg. Monsaraz	6					72	20	92		3	5	8	11382	8,1
		Atlético S. C. Btt	1995	10	0				sim					
		Casa do Benfica	2008	12	0				sim					
		Casa Cultura de Corval	1997	10	0				sim					
		Piranhas do Alqueva	2010	16	1				sim					
		Sup'Trilhos	2009	14	1				sim					
		CC 1º Maio/Team Caridade	2008	8	0				não					
Sousel	2					20	20	40		1	1	2	5780	6,9
		Soulorem Bike Team	2008	2	0				sim					
		Caracóis do Btt	2008	18	0				sim					
Vendás Novas	2					115	20	135		1	1	7	11619	11,6
		ADN Trilhos	2005	92	8				sim					
		Clube Ferroviário Btt		15	0				sim					
Viana Alentejo	2					72	10	82		0	0	6	5615	14,6
		BTT Aguiar	2008	22	0				sim					
		Btt Ajal	2008	49	1				sim					
Vila Viçosa	1					21	20	41		1	1	5	8871	4,6
		Papatrilhos	2007	16	5				sim					
TOTAL	35			860	77	937	330	1267		18	33	74	173646	7,3

ALTO ALENTEJO

CONCELHO	Nº equi	Nome Equipas	Fund.	Prat. Mas.	Prat. Fem.	Total Prat. Equi	Prat. Individuais	Total prat.	NTIC Internet	Estab. comerciais	Empregados	Eventos	Pop residente	% de praticantes
Alter do Chão	1	Alter real Btt	2006	42	8	50	10	60	sim	0	0	4	3938	15,2
Arronches	1	Btt TTA	2007	7	0	7	20	27	sim	0	0	3	3389	8,0
Avis	0					0	20	20		1	1	2	5197	3,8
Campo Maior	3	Btt Campo Maior	2005	17	3	53	20	73	sim	0	0	2	8387	8,7
		GEDA	2003	8	0				sim					
		S. C. Campomaiorense	2011	25	0				sim					
Castelo Vide	0					0	20	20		0	0	1	3872	5,2
Crato	0					15	20	35		0	0	3	4348	8,0
		Ass. Desp. Flor Rosa	2008	15	0				sim					
Eivas	3					65	40	105		2	2	6	23361	4,9
		Cicloclube de elvas	2007	39	1				sim					
		Barbaries Btt Team	2008	21	0				sim					
		Ass. Recr. Varche	2010	4	0				não					
Fronteira	0					0	20	20		0	0	2	3732	5,4
Gavião	0					0	20	20		0	0	0	4887	4,1
Marvão	1					40	20	60		1	1	5	4029	14,9
		Rota das Antas	2007	39	1				sim					
Monforte	1					15	20	35		2	6	3	3393	10,3
		BTT Assumar/Muachos	2008	15	0				sim					
Mora	1					12	20	32		0	0	6	5788	5,5
		Pedais do Raia	2006	10	2				sim					
Nisa	2					22	20	42		1	1	4	8585	4,9
		Injovem	2009	10	0				sim					
		Aptos Pró-Pedal	2007	12	0				sim					
Ponte Sor	1					17	30	47		0	0	4	18140	2,6
		Btt Sor	2005	15	2				sim					
Portalegre	9					151	90	241		4	7	10	25980	9,3
		Ases do pedal	1999	21	1				sim					
		Rodas São Mamede	2005	28	2				sim					
		MP1	2010	8	0				sim					
		Centro Vicentino Serra	2007	17	0				sim					
		Quedas e Empenos	2006	8	0				sim					
		Urrojovem	2008	9	1				sim					
		G.D. Alegrete	2001	40	0				sim					
		Fortijovem	2010	16	0				sim					
TOTAL	23			426	21	447	390	837		11	18	55	127026	6,6

ALENTEJO LITORAL

CONCELHO	Nº Equi	Nome Equipas	Fund.	Prat. Mas.	Prat. Fem.	Total Prat.equi	Prat. Individuais	Total prat.	NTIC Internet	Estab. Comerciais	Empregados	Eventos	Pop residente	% de praticantes
Alcacer Sal	1					142	30	172		0	0	6	14287	12,0
		Cegonhas do Sado	2004	121	21				sim					
Grândola	1					80	30	110		2	2	3	14901	7,4
		Rodas Clube	1994	70	10				sim					
Odemira	3					37	20	57		0	0	13	26106	2,2
		C. Btt Odemira	2005	10	0				sim					
		Papa-Léguas	2007	9	0				sim					
		Os Duraizos	2008	15	3				sim					
Sant. Cacém	3					145	30	175		1	1	7	31105	5,6
		Os Chaparros	1999	120	4				sim					
		Os Papatrilhos	2008	12	0				sim					
		Serv. Sociais CMSC	2010	9	0				não					
Sines	3					61	30	91		2	2	6	13577	6,7
		GDC Porto de Sines	1999	15	0				sim					
		GD Baixa de S. Pedro	2002	18	0				não					
		Salta Pocinhas	2007	20	8				sim					
	11			419	46	465	140	605		5	5	35	99976	6,1

APÊNDICE 3 Resumo levantamento de informação

ALENTEJO

População residente	535753
Permilagem de praticantes	6,69‰
Praticantes	3587
Praticantes inseridos em equipas	2432
Praticantes sem equipa	1155
Praticantes masculinos inseridos em equipas	2251
Praticantes femininos inseridos em equipas	181
Número de equipas	97
Estabelecimentos de venda de bicicletas	39
Número de empregados	62
Número de eventos	205
Equipas que utilizam internet	83 (83%)
Equipas que não utilizam internet	14 (17%)

BAIXO ALENTEJO

População residente	135105
Permilagem de praticantes	6,49‰
Praticantes	878
Praticantes inseridos em equipas	583
Praticantes sem equipa	295
Praticantes masculinos inseridos em equipas	546
Praticantes femininos inseridos em equipas	37
Número de equipas	28
Estabelecimentos de venda de bicicletas	5
Número de empregados	6
Número de eventos	41
Equipas que utilizam internet	20 (71%)
Equipas que não utilizam internet	8 (29%)

ALENTEJO CENTRAL

População residente	173646
Permilagem de praticantes	7,29‰
Praticantes	1267
Praticantes inseridos em equipas	937
Praticantes sem equipa	330
Praticantes masculinos inseridos em equipas	860
Praticantes femininos inseridos em equipas	77
Número de equipas	35
Estabelecimentos de venda de bicicletas	18
Número de empregados	33
Número de eventos	74
Equipas que utilizam internet	32 (91%)
Equipas que não utilizam internet	3 (9%)

ALTO ALENTEJO

População residente	127026
Permilagem de praticantes	6,58‰
Praticantes	837
Praticantes inseridos em equipas	447
Praticantes sem equipa	390
Praticantes masculinos inseridos em equipas	426
Praticantes femininos inseridos em equipas	21
Número de equipas	23
Estabelecimentos de venda de bicicletas	11
Número de empregados	18
Número de eventos	55
Equipas que utilizam internet	22 (96%)
Equipas que não utilizam internet	1 (4%)

ALENTEJO LITORAL

População residente	99976
Permilagem de praticantes	6,05‰
Praticantes	605
Praticantes inseridos em equipas	465
Praticantes sem equipa	140
Praticantes masculinos inseridos em equipas	419
Praticantes femininos inseridos em equipas	46
Número de equipas	11
Estabelecimentos de venda de bicicletas	5
Número de empregados	5
Número de eventos	35
Equipas que utilizam internet	9 (82%)
Equipas que não utilizam internet	2 (18%)